

DONNA TARTT

PINTASSIL60

Tradução de Ana Saldanha Excertos da canção "Ach, ¿pij kochanie" copyright © Ludwik Starski and Henry Wars 1938, reproduzido com autorização de Allan Starski.

FICHA TÉCNICA

Título original: The Goldfinch

Autora: Donna Tartt

Copyright © 2013 by Tay, Ltd.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2014

Tradução: Ana Saldanha

Capa: O Pintassilgo, 1654 (óleo sobre tela), Carel Fabritius (1622-1654), Mauritshuis, Haia,

Holanda, The Bridgeman Art Library

Design da capa: Keith Hayes Composição: Miguel Trindade

Impressão e acabamento: Multitipo - Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 379 366/14 1.ª edição, Lisboa, setembro, 2014

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa (exceto Brasil) à EDITORIAL PRESENÇA Estrada das Palmeiras, 59 Queluz de Baixo 2730-132 Barcarena info@presenca.pt www.presenca.pt

PARA A MINHA MÃE, PARA O CLAUDE

I.

O absurdo não liberta; prende.

ALBERT CAMUS

CAPÍTULO UM R APAZ COM CAVEIR A

i.

Enquanto eu ainda me encontrava em Amesterdão, sonhei com a minha mãe pela primeira vez em anos. Já estava fechado no meu quarto de hotel há mais de uma semana, com medo de telefonar fosse a quem fosse ou de sair; e o meu coração batia descompassado até mesmo ao ouvir os sons mais inocentes: a campainha do elevador, o chocalhar do carrinho do minibar, até os relógios das igrejas a darem as horas, de Westertoren, Krijtberg, um toque escuro no clangor, um sentido entretecido de tragédia de conto de fadas. Durante o dia, sentava-me aos pés da cama a tentar compreender as notícias em língua holandesa na televisão, o que era inútil, já que eu não sabia uma palavra de holandês, e, quando desistia, sentava-me à janela a olhar lá para fora, para o canal, com o meu casaco de pelo de camelo por cima da roupa — porque parti de Nova Iorque à pressa e as coisas que tinha trazido não eram suficientemente quentes, nem mesmo dentro de casa.

Lá fora, tudo era atividade e animação. Era a época do Natal, piscavam luzes nas pontes do canal à noite; *dames en heren* de faces coradas, com os seus cachecóis a esvoaçarem ao vento gélido, matraqueavam o empedrado das ruas com árvores amarradas à parte de trás das suas bicicletas. À tarde, uma banda amadora tocava canções de Natal, que pairavam, metálicas e frágeis, no ar de inverno.

Tabuleiros caóticos do serviço de quartos; demasiados cigarros; vodca morna do *duty free*. Durante aqueles dias inquietos, fechado,

fiquei a conhecer cada centímetro do quarto como um prisioneiro acaba por conhecer a sua cela. Era a minha primeira vez em Amesterdão; embora não tivesse visto quase nada da cidade, o próprio quarto, na sua beleza sombria, com correntes de ar, esfregado pelo sol, dava uma sensação vincada de Europa do Norte, um modelo dos Países Baixos em miniatura: paredes brancas e probidade protestante misturadas com luxo de tintos fortes trazidos do Oriente em navios da marinha mercante. Passei uma quantidade louca de tempo a examinar um par de minúsculas pinturas a óleo com moldura dourada que estavam penduradas na parede por cima da escrivaninha, uma de camponeses a patinarem num lago gelado junto a uma igreja, a outra de um barco à vela a debater-se num mar encapelado de inverno: cópias decorativas, nada de especial, embora eu as examinasse como se elas tivessem, encriptada, uma chave para o coração secreto dos velhos mestres flamengos. Lá fora, a neve batia às vidraças da janela e caía sobre o canal; e, embora os brocados fossem espessos e a alcatifa fofa, mesmo assim a luz de inverno trazia uma tonalidade enregelante de 1943, de privação e austeridades, de chá fraco sem açúcar e de ir para a cama com fome.

Todas as manhãs cedo, quando ainda estava escuro lá fora, antes de os funcionários extra entrarem ao serviço e de o átrio começar a encherse, eu ia lá abaixo buscar os jornais. O pessoal do hotel movia-se com vozes em surdina e em passos leves, deslizando discretamente o olhar por mim como se não me vissem de facto, o homem americano do quarto 27 que nunca descia durante o dia; e eu tentava convencer-me de que, provavelmente, o gerente da noite (fato escuro, cabelo curto, óculos com armação de massa) não se pouparia a esforços para evitar problemas ou confusões.

O Herald Tribune não trazia notícias do meu caso, mas a história andava por todos os jornais holandeses, colunas densas de palavras estrangeiras, que pairavam, tentadoramente, para lá do alcance da minha compreensão. Onopgeloste moord. Onbekende. Eu ia para cima, voltava a meter-me na cama (completamente vestido, porque o quarto estava muito frio) e espalhava os jornais em cima da colcha: fotografias de carros da polícia, fitas de cena do crime, até mesmo as legendas eram impossíveis de decifrar, e, embora não parecessem trazer o meu

nome, não havia maneira de saber se davam uma descrição de mim ou se estavam a ocultar alguma informação ao público.

O quarto. O radiador. Een Amerikaan met een strafblad. Água verde-oliva do canal.

Como eu tinha frio e estava doente e na maior parte do tempo não sabia o que fazer (não tinha trazido nenhum livro, assim como não tinha trazido roupa quente), deixava-me ficar na cama quase todo o dia. A noite parecia tombar a meio da tarde. Muitas vezes — por entre o crepitar dos jornais espalhados — eu adormecia por uns momentos e na maior parte das vezes os meus sonhos eram turvados pela mesma ansiedade indefinida que tingia as horas em que eu estava acordado: caso de tribunal, bagagem a abrir-se de repente no asfalto com as minhas roupas a espalharem-se por todo o lado e corredores de aeroporto intermináveis onde eu corria para aviões que sabia que nunca apanharia.

Devido à febre, tinha imensos sonhos estranhos e extremamente vívidos, suores em que dava voltas na cama quase sem saber se era de dia ou de noite, mas na última e pior dessas noites sonhei com a minha mãe: um sonho breve, misterioso, que me deu mais a sensação de ser uma visitação. Eu estava na loja de Hobie — ou, mais precisamente, num assombrado espaço onírico, encenado como um esboço da loja — quando ela apareceu subitamente por trás de mim, de modo que eu lhe vi o reflexo num espelho. Ao vê-la, fiquei paralisado de felicidade; era ela, até ao mais ínfimo pormenor, até ao próprio padrão das suas sardas, estava a sorrir-me, mais bonita e no entanto não mais velha, cabelo preto e boca com os cantos virados para cima de um modo estranho, não um sonho, mas uma presença que enchia todo o espaço: uma força muito própria, uma outra pessoa viva. E, embora eu o quisesse muito, sabia que não podia virar-me, que olhar diretamente para ela seria violar as leis do seu mundo e do meu; ela tinha vindo até mim da única maneira que podia e os nossos olhos encontraram-se no espelho por um longo momento parado; mas, quando ela parecia prestes a falar — com o que parecia um misto de divertimento, afeto e exasperação —, abateu-se um nevoeiro entre nós e eu acordei.

As coisas teriam corrido melhor se ela não tivesse morrido. A verdade é que morreu quando eu era criança; e, embora tudo o que me aconteceu desde então seja totalmente culpa minha, mesmo assim quando a perdi, perdi também de vista todos os marcos que poderiam ter-me conduzido a um lugar mais feliz, a uma vida mais povoada ou mais animada.

A morte dela era o marco divisório: Antes e Depois. E embora seja uma coisa sombria de admitir passados todos estes anos, eu nunca conheci ninguém que me fizesse sentir amado como ela me fazia sentir. Tudo ganhava vida na sua companhia; ela lançava uma encantadora luz teatral à sua volta, de tal modo que ver fosse o que fosse através dos seus olhos era ver essa coisa em cores mais vivas do que o usual — lembro-me de, algumas semanas antes da sua morte, quando estava a fazer uma ceia tardia com ela num restaurante italiano lá em baixo na Village, ela me agarrar a manga ao ver o súbito e quase doloroso encanto de um bolo de aniversário com velas acesas a ser trazido em procissão da cozinha, um círculo ténue de luz a oscilar pelo teto escuro, e depois o bolo pousado incandescente entre a família, a beatificar o rosto de uma velha senhora, sorrisos a toda a volta, os empregados do restaurante a afastarem-se com as mãos atrás das costas — era só um jantar de aniversário normal, que poderia ver-se em qualquer restaurante barato do centro, e eu tenho a certeza de que nem sequer me lembraria dele se ela não tivesse morrido tão pouco tempo depois, mas pensei nele uma e outra vez depois da morte da minha mãe e de facto é provável que continue a pensar nele toda a vida: aquele círculo iluminado por velas, um tableau vivant da felicidade diária e comum que se perdeu quando eu a perdi.

Ela era linda, também. Isso é quase secundário; de qualquer maneira, era-o. Quando veio para Nova Iorque, acabada de chegar do Kansas, trabalhou em *part-time* como modelo, embora se sentisse demasiado pouco à vontade em frente às câmaras para ser muito boa nesse trabalho; o que quer que ela tinha não se traduzia bem nas fotografias.

No entanto, era totalmente ela: uma raridade. Não me recordo de alguma vez ver alguém que realmente se parecesse com ela. Tinha cabelo preto, pele clara que ficava com sardas no verão, olhos de um azul de

porcelana com muita luz neles; e no ângulo das suas maçãs do rosto havia uma tal mistura excêntrica de tribal e de crepúsculo celta que, por vezes, as pessoas supunham que era islandesa. De facto, era meio irlandesa e meio cherokee, de uma cidade no Kansas perto da fronteira com o Oklahoma; e gostava de me fazer rir dizendo que era uma okie, embora fosse tão luzidia e nervosa e elegante como um cavalo de corrida. Esse caráter exótico, infelizmente, parece um pouco excessivamente severo e favorece-a pouco nas fotografias — as suas sardas cobertas com maquilhagem, o cabelo puxado para trás num rabo-de-cavalo na nuca como um nobre em A Lenda de Genji — e o que não transparece de todo em todo é o seu ar caloroso, a sua boa disposição imprevisível, que é do que eu mais gostava nela. É óbvio, pela imobilidade que ela emanava nas imagens, o quanto desconfiava da câmara; transmite um ar vigilante, de tigre, a preparar-se para ser atacada. Mas em vida não era assim. Movia-se com uma rapidez excitante, gestos súbitos e leves, sempre empoleirada na beira da cadeira como uma ave elegante do pantanal prestes a sobressaltar-se e voar para longe. Eu adorava o perfume de sândalo que ela usava, áspero e inesperado, e adorava o restolhar da sua saia com goma quando ela se debruçava para me beijar na testa. E o seu riso era quanto bastava para fazer com que se quisesse largar o que se estava a fazer e segui-la rua abaixo. Por onde passasse, os homens olhavam para ela pelo canto do olho e por vezes olhavam para ela de uma maneira que me incomodava um pouco.

A morte dela foi culpa minha. As outras pessoas sempre se apressaram a assegurar-me que não foi; e sim, era só uma criança, quem poderia saber, terrível acidente, má sorte, podia ter acontecido a qualquer um, é tudo perfeitamente verdade e eu não acredito numa só palavra.

Aconteceu em Nova Iorque, no dia 10 de abril, há catorze anos. (Até a mão me estremece com a data; tive de me forçar para a escrever, só para manter a caneta a mover-se no papel. Costumava ser um dia perfeitamente normal, mas agora espeta-se no calendário como um prego enferrujado.)

Se o dia tivesse corrido como planeado, ter-se-ia desvanecido no céu sem ser assinalado, teria sido engolido sem vestígio juntamente com o resto do meu oitavo ano na escola. O que recordaria dele agora? Pouco ou nada. Mas é claro que a textura daquela manhã é mais clara

do que o presente, até à própria sensação encharcada, húmida do ar. Tinha chovido durante a noite, uma tempestade terrível, havia lojas inundadas e um par de estações do metro encerradas; e nós os dois ficámos à espera no tapete ensopado à porta do nosso prédio enquanto o porteiro preferido dela, Goldie, que a adorava, caminhava às arrecuas ao longo da Avenida 57 com o braço erguido, a assobiar a chamar um táxi. Passavam carros a levantar lençóis de borrifos sujos; nuvens inchadas com chuva amontoavam-se altas acima dos arranha-céus, sopradas e deslocando-se para farrapos de céu azul límpido, e em baixo, na rua, sob o fumo dos escapes, o vento dava uma sensação húmida e suave como de primavera.

- Ah, este está ocupado, minha senhora disse Goldie, sobrepondo a voz ao rugido da rua e afastando-se do caminho de um táxi quando ele dobrou a esquina e desligou a luz. Era o porteiro mais pequeno: um homenzinho pálido, magro, vivo, um porto-riquenho de pele clara, um antigo *boxeur* peso-pluma. Embora tivesse o rosto inchado por beber (por vezes, aparecia para o turno da noite a cheirar a $J\mathcal{E}B$), era enxuto e muscular e rápido sempre a brincar, sempre a fazer um intervalo para fumar um cigarro à esquina, a mudar o peso do corpo de um pé para o outro e a soprar nas mãos com luvas brancas quando fazia frio, a dizer piadas em espanhol e a fazer rir os outros porteiros.
- Está com muita pressa hoje de manhã? perguntou ele à minha mãe. Na chapa de identificação aparecia BURT D., mas toda a gente lhe chamava Goldie por causa do seu dente de ouro e porque o seu apelido, de Oro, quer dizer «ouro» em espanhol.
- Não, temos muito tempo, não há problema. Mas ela parecia exausta e as mãos tremiam-lhe ao voltar a atar o lenço, que se soltava e esvoaçava ao vento.

Goldie deve ter reparado nisso, porque me lançou um olhar (eu estava encostado evasivamente à floreira de cimento na frente do prédio, a olhar para todo o lado menos para ela) com um ar de ligeira reprovação.

- Não vais apanhar o metro? disse-me ele.
- Oh, temos uns compromissos disse a minha mãe, sem muita convicção, quando se apercebeu de que eu não sabia o que dizer. Normalmente, eu não prestava muita atenção às roupas dela, mas o que ela trazia vestido nessa manhã (gabardina branca, lenço fino

cor-de-rosa, mocassins em dois tons, preto e branco) está-me tão firmemente gravado na memória que agora me é difícil recordá-la de qualquer outra maneira.

Eu tinha treze anos. Detesto recordar-me de como estávamos tão pouco à vontade um com o outro nessa última manhã, suficientemente formais para o porteiro reparar; em qualquer outra altura, estaríamos a falar amigavelmente, mas nessa manhã não tínhamos muito a dizer um ao outro, porque eu tinha sido suspenso na escola. Tinham-lhe telefonado para o escritório no dia anterior; ela chegou a casa em silêncio e furiosa; e a coisa horrível é que eu nem sequer sabia porque é que tinha sido suspenso, embora tivesse setenta e cinco por cento de certeza de que Mr. Beeman (ao ir do seu gabinete para a sala dos professores) tinha olhado pela janela no patamar do segundo andar exatamente no momento errado e me tinha visto a fumar no recinto da escola. (Ou antes, tinha-me visto junto ao Tom Cable enquanto ele fumava, o que, na minha escola, equivalia na prática ao mesmo crime.) A minha mãe detestava o hábito de fumar. Os pais dela — sobre quem eu adorava ouvir histórias e que tinham injustamente morrido antes de eu ter a oportunidade de os conhecer — eram afáveis treinadores de cavalos que viajavam pelo Oeste e criavam cavalos Morgan para ganhar a vida: pessoas animadas, que bebiam cocktails e jogavam canasta e iam às corridas de cavalos do Kentucky todos os anos e tinham cigarros em caixas de prata pela casa. Mas um dia, quando vinha dos estábulos, a minha avó dobrou-se toda e começou a tossir sangue; e durante o resto dos anos de adolescência da minha mãe houve cilindros de oxigénio no pórtico da frente e persianas sempre corridas no quarto.

Mas — como eu receava, e não sem razão — o cigarro do Tom era só a ponta do icebergue. Eu já andava com problemas na escola há uns tempos. Tudo começou, ou antes, começou a avolumar-se, quando o meu pai se foi embora e nos deixou, a mim e à minha mãe, alguns meses antes; nós nunca tínhamos gostado muito dele, e a minha mãe e eu, no geral, estávamos muito mais felizes sem ele, mas outras pessoas pareciam chocadas e perturbadas com a maneira abrupta como ele nos tinha abandonado (sem dinheiro nem pensão de alimentos nem a nova morada dele), e os professores na minha escola no Upper West Side tinham tanta pena de mim, estavam tão ansiosos por me estenderem a sua

compreensão e o seu apoio, que me tinham dado — a mim, um aluno com bolsa de estudos — todo o tipo de concessões especiais e prazos dilatados e segundas e terceiras oportunidades: a darem-me corda, numa questão de meses, até eu ter conseguido enfiar-me num buraco bem fundo.

Então, nós os dois — a minha mãe e eu — tínhamos sido convocados para uma audiência na escola. A reunião só era às onze e meia, mas como a minha mãe se viu obrigada a faltar ao trabalho de manhã, estávamos a dirigir-nos para o West Side cedo — para tomarmos o pequeno-almoço (e, supunha eu, para termos uma conversa séria) e também para ela poder comprar um presente de aniversário para alguém lá do trabalho. Ela tinha estado a pé até às duas e meia na noite anterior, com o rosto tenso à luz do computador, a escrever *e-mails* e a tentar adiantar o serviço da manhã que iria passar fora do escritório.

- Não sei o que acha estava Goldie a dizer à minha mãe, com bastante veemência —, mas eu digo que já basta, esta primavera e esta humidade toda. Chuva, chuva... Estremeceu, puxou a gola para cima numa pantomima e lançou um olhar ao céu.
 - Parece que vai desanuviar esta tarde.
- É, eu sei, mas já estou pronto para o *verão*. Esfregou as mãos. As pessoas saem da cidade, detestam, queixam-se do calor, mas eu... eu sou uma ave tropical. Quanto mais quente melhor. Que venha ele! A bater palmas, a descer a rua às arrecuas. E sabe do que gosto mais? É de quando se acalma tudo aqui, ao chegar o mês de julho. O prédio todo vazio e sonolento, toda a gente fora, sabe? Estalou os dedos, um táxi passou a toda a velocidade. Essas é que são as *minhas* férias.
- Mas não fica todo queimado aqui fora? O meu pai, que gostava de manter as distâncias, detestava aquilo nela, a tendência que ela tinha para se envolver em conversas com empregadas de mesa, porteiros, os velhotes asmáticos na lavandaria. Quer dizer, no inverno pelo menos pode vestir mais um casaco...
- Ouça, uma pessoa a trabalhar à porta no inverno? Estou-lhe a dizer, é mesmo *frio*. Não importa quantos casacos e gorros se ponham. Está-se aqui fora em janeiro, em fevereiro, e o vento a soprar do rio? *Brrr*.

Irrequieto, a roer a unha do polegar, eu fitava os táxis que passavam a toda a velocidade por Goldie com o seu braço erguido. Sabia que

ia ser uma espera insuportável até à audiência às onze e meia; e mal conseguia conter-me e ficar quieto sem me saírem involuntariamente perguntas incriminatórias. Não fazia ideia daquilo com que poderiam atirar-nos, à minha mãe e a mim, quando nos tivessem no gabinete; a própria palavra «audiência» sugeria uma convocação de autoridades, acusações e confrontos, uma possível expulsão. Se eu perdesse a bolsa de estudos, seria catastrófico; estávamos falidos desde que o meu pai se tinha ido embora; mal tínhamos dinheiro para pagar a renda. Acima de tudo, eu estava com uma preocupação de morte de que Mr. Beeman tivesse descoberto, de alguma maneira, que Tom Cable e eu tínhamos andado a assaltar casas de férias vazias na altura em que eu estive na casa dele nos Hamptons. Digo «assaltar», embora não tenhamos forçado nenhuma fechadura nem causado nenhuns estragos (a mãe do Tom era agente imobiliária; nós abrimos as portas com chaves extra tiradas do chaveiro no escritório dela). Na maior parte dos casos, tínhamos revistado armários e remexido em gavetas de cómodas, mas também tirámos algumas coisas: cerveja do frigorífico, uns jogos da Xbox e um DVD (Jet Li, Força Destruidora) e dinheiro, cerca de noventa e dois dólares no total: notas de cinco e de dez dólares amarrotadas num frasco de cozinha, montinhos de trocos nas lavandarias.

Sempre que pensava naquilo, sentia-me nauseado. Já há meses que eu tinha estado em casa do Tom, mas, embora tentasse dizer a mim próprio que Mr. Beeman não podia de maneira nenhuma saber que nós tínhamos entrado naquelas casas — como é que ele poderia saber? —, a minha imaginação voava e disparava em ziguezagues de pânico. Eu estava decidido a não denunciar o Tom (embora não tivesse a certeza se ele não me teria denunciado a mim), mas isso deixava-me numa situação difícil. Como é que eu podia ter sido tão estúpido? Assaltar casas era um crime; as pessoas iam parar à cadeia por causa disso. Durante horas na noite anterior fiquei na cama acordado, torturado, a dar volta sobre volta, a ver a chuva a esbofetear a minha vidraça com rajadas esfarrapadas e a pensar no que dizer se fosse confrontado com aquilo. Mas como é que eu podia defender-me, quando nem sequer sabia o que é que eles sabiam?

O Goldie soltou um grande suspiro, baixou o braço e veio às arrecuas até junto da minha mãe.

Incrível — disse-lhe ele, com um olhar cansado posto na rua.
 Tivemos a inundação lá em baixo, no SoHo, ouviu falar, certo, e o Carlos esteve-me a dizer que bloquearam umas ruas perto das Nações Unidas.

Melancolicamente, pus-me a olhar para a multidão de trabalhadores a saírem do autocarro que atravessa a cidade, tão sem alegria como um enxame de vespas. Talvez tivéssemos mais sorte se andássemos um ou dois quarteirões para oeste, mas a minha mãe já conhecia Goldie o suficiente para saber que ele se sentiria ofendido se nos aventurássemos por conta própria a arranjar um táxi. Nesse momento — tão subitamente que os três demos um salto —, um táxi com a luz acesa deslizou da outra faixa na nossa direção, arremessando um leque de água a cheirar a esgotos.

— Cuidado! — disse Goldie, saltando para o lado quando o táxi travou de repente, e depois, observando que a minha mãe não tinha guarda-chuva: — Esperem — e dirigiu-se para o átrio do prédio, para a coleção de guarda-chuvas perdidos e esquecidos que guarda-va num recipiente de latão junto à lareira e redistribuía em dias de chuva.

— Não — disse a minha mãe enquanto procurava na mala de mão o seu guarda-chuva minúsculo às riscas de chupa-chupa —, não se incomode, Goldie, eu venho prevenida...

Goldie saltou outra vez para a berma do passeio e fechou a porta do táxi depois de a minha mãe entrar. Em seguida, inclinou-se e bateu na janela.

— Tenha um santo dia — disse.

iii.

Eu gosto de me considerar uma pessoa percetiva (como, suponho, todos gostamos) e ao registar tudo isto é tentador incluir uma sombra a pairar por cima. Mas eu estava cego e surdo ao futuro; a minha única e esmagadora preocupação era a reunião na escola. Quando telefonei a Tom para lhe dizer que tinha sido suspenso (a falar baixinho ao telefone de casa; ela tinha-me tirado o telemóvel), ele não

pareceu particularmente surpreendido com a notícia. — Olha — disse ele, interrompendo-me —, não sejas estúpido, Theo, ninguém sabe nada, mantém-te de boca fechada — e antes de eu poder dizer mais uma palavra que fosse, ele disse: — Desculpa lá, tenho de ir — e desligou.

No táxi, tentei abrir a janela para entrar algum ar: não tive sorte. Cheirava como se alguém tivesse estado a mudar fraldas sujas lá atrás ou até talvez tivesse feito cocó e depois tentasse disfarçar o cheiro com uma data de ambientador de coco que cheirava a loção para bronzear. Os assentos estavam engordurados e remendados com fita-cola e os amortecedores já estavam quase gastos. Sempre que passávamos por um buraco, os meus dentes chocalhavam, assim como os berloques religiosos pendurados do espelho retrovisor: medalhões, uma espada curva em miniatura a dançar numa corrente de plástico e um guru de turbante e barba que fitava o assento de trás com um olhar penetrante, a palma da mão erguida numa bênção.

Ao longo da Park Avenue, perfilavam-se fileiras de tulipas vermelhas ao passarmos. Música pop de Bollywood — com o volume em surdina, num lamento quase subliminal — desenrolava-se numa espiral cintilante hipnótica, no limiar da minha audição. As folhas estavam a nascer nas árvores. Moços de entregas do D'Agostino's e do Gristede's empurravam carrinhos de mão carregados de produtos de mercearia; executivas apressadas, de saltos altos, avançavam pelos passeios, a arrastarem crianças pequenas; um trabalhador fardado varria lixo da sarjeta para um apanhador com uma pega; advogados e corretores estendiam as palmas das mãos e franziam o sobrolho olhando para o céu. Enquanto avançávamos sacudidos avenida acima (com a minha mãe a parecer desconfortável, agarrada ao encosto dos braços para se segurar), eu fitava pela janela os rostos dispépticos do dia de trabalho (pessoas de gabardina com um ar preocupado, apinhando-se em chusmas sombrias nas passadeiras, pessoas a tomarem café por copos de cartão e a falarem ao telemóvel e a lançarem olhares furtivos de um lado para o outro) e esforçava-me por não pensar em todos os destinos desagradáveis que talvez estivessem prestes a abater-se sobre mim: alguns deles envolvendo o tribunal de menores ou a prisão.

O táxi guinou para fazer uma curva súbita, para a Rua Oitenta e Seis. A minha mãe escorregou para cima de mim e agarrou-me o braço; e eu vi que ela estava a transpirar e pálida como a cal.

— Estás enjoada? — disse eu, esquecendo momentaneamente os meus problemas. Ela tinha uma expressão triste, fixa, que eu reconhecia muito bem: estava com os lábios firmemente fechados, a testa a brilhar e os olhos vidrados e enormes.

Começou a dizer alguma coisa — e depois tapou a boca com a mão quando o carro travou de repente nos semáforos, atirando-nos para a frente e depois para trás com força contra as costas do assento.

- Agarra-te disse-lhe eu, e depois inclinei-me e bati na placa de acrílico engordurada, de tal modo que o condutor (um sique de turbante) deu um salto de surpresa.
- Olhe disse eu pela grelha —, aqui está bem, nós saímos aqui, OK?

O sique — refletido no espelho engrinaldado — olhou-me fixamente. — Quer parar aqui?

- Sim, por favor.
- Mas esta não é a morada que me deu.
- Eu sei. Mas aqui está bem disse eu, lançando um olhar para trás, para a minha mãe, com o rímel esborratado, um ar murcho, a procurar a carteira do dinheiro na mala de mão.
 - Ela está bem? disse o taxista com um ar de dúvida.
 - Sim, sim, está ótima. Só precisamos de sair, obrigado.

Com mãos trémulas, a minha mãe pegou num punhado de dólares com um ar húmido e meteu-os pela grelha. Enquanto o sique enfiava a mão e pegava no dinheiro (resignadamente, desviando os olhos), eu saí do táxi e segurei na porta aberta para ela.

A minha mãe tropeçou um bocado ao sair para a berma e eu agarrei-lhe o braço. — Estás bem? — disse-lhe timidamente enquanto o táxi se afastava a toda a velocidade. Estávamos na parte superior da Quinta Avenida, junto às mansões em frente ao parque.

Ela inspirou fundo, a seguir limpou a testa e apertou-me o braço. — Ufa — disse, abanando-se com a mão em leque. Tinha a testa brilhante e os olhos ainda um pouco desfocados; estava com o aspeto ligeiramente descomposto de uma ave marinha desviada da sua rota pelo vento. — Desculpa, ainda estou estonteada. Graças a Deus que saímos do táxi. Eu já fico bem, só preciso de apanhar ar fresco.

Passavam pessoas à nossa volta na esquina ventosa: alunas de escolas, de uniforme, a rirem e a correrem e a esquivarem-se de nós; amas a empurrarem carrinhos complicados com bebés sentados aos pares e aos três. Um pai apressado, com ar de advogado, passou rente a nós, a arrastar o seu filho pequeno pelo pulso. — Não, Braden — ouvi-o dizer ao garoto, que trotava para o acompanhar —, não devias pensar assim, é mais importante teres um emprego de que gostes...

Desviámo-nos para evitar a água com espuma que um porteiro estava a despejar de um balde no passeio em frente ao seu prédio.

- Diz-me disse a minha mãe, com as pontas dos dedos na fronte —, era só eu, ou aquele táxi era *incrivelmente...*
 - Nojento? Ambientador Hawaiian Tropic e cocó de bebé?
- Francamente... a sacudir o ar em frente ao rosto —, não teria mal se não fossem aquelas travagens e arranques todos. Eu estava perfeitamente bem, mas aquilo afetou-me.
- Porque é que nunca perguntas se podes sentar-te no banco da frente?
 - Pareces tal e qual o teu pai.

Eu desviei o olhar, embaraçado — porque também o tinha ouvido na minha voz, aquele vestígio do seu tom irritante de «eu sei tudo». — Vamos até Madison procurar um sítio para tu te sentares — disse eu. Estava a morrer de fome e havia lá um restaurante de que eu gostava.

Mas — quase com um estremecimento, uma onda visível de náusea — ela abanou a cabeça. — Ar. — Manchas de rímel debaixo dos olhos. — O ar sabe bem.

— Está bem — disse eu, um pouco demasiado depressa, ansioso por lhe fazer a vontade. — O que quiseres.

Eu estava a esforçar-me por ser agradável, mas a minha mãe — cambaleante e estonteada — tinha detetado o meu tom de voz; olhou para mim de perto, tentando adivinhar o que eu estava a pensar. (Este era mais um mau hábito em que tínhamos caído, graças a anos de vida com o meu pai: tentar ler a mente um do outro.)

— O que foi? — disse ela. — Há algum sítio aonde queiras ir?

- Hum, não, realmente não disse eu, recuando um passo e olhando à volta consternado; embora estivesse com fome, não sentia que estivesse em posição de insistir fosse no que fosse.
 - Eu fico bem. Dá-me só um minuto.
- Talvez... a piscar os olhos e agitado, o que é que ela queria, o que lhe agradaria? E se fôssemos sentar-nos no parque?

Para meu alívio, ela acenou com a cabeça. — Está bem, então — disse, no que eu considerava a sua voz de Mary Poppins —, mas só até eu recuperar o fôlego — e começámos a encaminhar-nos para a passadeira na Rua Setenta e Nove: passando por topiários em vasos barrocos, por portas imponentes rendilhadas em ferro forjado. A luz tinha desbotado para um cinzento industrial e a brisa era tão pesada como o vapor de uma chaleira. Do outro lado da rua, junto ao parque, havia artistas a instalarem as suas bancas, a desenrolarem as suas telas, a exporem as suas reproduções a aguarela da Catedral de Saint Patrick e da Ponte de Brooklyn.

Caminhámos em silêncio. A minha mente zumbia insistentemente com os meus problemas (os pais de Tom teriam recebido um telefonema? Porque é que eu não me tinha lembrado de lhe perguntar?) e também com o que ia mandar vir para o pequeno-almoço mal conseguisse levá-la até ao restaurante (omelete com fiambre e batatas fritas, com *bacon* à parte; ela pediria o que pedia sempre, torrada de pão de centeio com ovos escalfados e uma chávena de café) e mal estava a prestar atenção para onde nos estávamos a dirigir quando me apercebi de que ela tinha acabado de dizer alguma coisa. Não estava a olhar para mim, mas para o parque; e a sua expressão lembrou-me um filme francês famoso de que não sabia o título, onde pessoas absortas caminhavam por ruas varridas pelo vento e falavam muito, mas não pareciam estar de facto a falar umas com as outras.

— O que é que disseste? — perguntei, depois de alguns momentos confusos, apressando o passo para a alcançar. — Tento mais...?

Ela parecia sobressaltada, como se tivesse esquecido que eu estava ali. O casaco branco — a esvoaçar ao vento — acentuava o seu ar de íbis de pernas longas, como se estivesse prestes a abrir as asas e voar por cima do parque.

— Tento o quê?

— Oh. — Ficou sem expressão no rosto e a seguir abanou a cabeça e riu rapidamente, daquela sua maneira aguda e infantil. — Não. Eu disse *tempo parado*.

Embora fosse estranho, eu sabia o que ela queria dizer, ou achava que sabia — aquele tremor de desconexão, os segundos perdidos no passeio como um soluço de tempo perdido ou alguns fotogramas cortados de um filme.

- Não, não, cachorrinho, falava deste bairro. Despenteou-me o cabelo, fez-me sorrir com a boca de lado, meio embaraçado: *cachorrinho* era o meu nome de bebé, eu já não gostava dele nem de que ela me despenteasse o cabelo, mas, embora me sentisse comprometido, fiquei contente por ela estar mais bem disposta. Acontece sempre cá em cima. Sempre que estou cá em cima, é como se tivesse dezoito anos outra vez e tivesse acabado de sair da camioneta.
- Aqui? disse eu num tom de dúvida, deixando que ela me pegasse na mão, uma coisa que eu normalmente não permitiria. Isso é esquisito. Eu sabia tudo sobre os primeiros tempos da minha mãe em Manhattan, bastante longe da Quinta Avenida; na Avenida B, num estúdio por cima de um bar, onde dormiam vagabundos no portal e as brigas no bar alastravam para a rua e uma senhora de idade louca chamada Mo tinha dez ou doze gatos ilegais num patamar barricado no último andar.

Ela encolheu os ombros. — Pois é, mas cá em cima ainda está tudo como eu o vi no primeiro dia. É um túnel do tempo. No Lower East Side, bem, tu sabes como é lá para baixo, há sempre alguma coisa nova, mas para mim é mais esta sensação Rip van Winkle, cada vez mais longe. Nalguns dias eu acordava e era como se tivessem vindo durante a noite mudar as fachadas das lojas. Antigos restaurantes fechados, um bar da moda onde costumava ser a lavandaria...

Eu mantive um silêncio respeitoso. A passagem do tempo ocupavalhe bastante a mente nos últimos tempos, talvez porque estivesse a aproximar-se o dia dos seus anos. Estou demasiado velha para esta rotina, tinha ela dito alguns dias antes enquanto revistávamos ambos o apartamento, a remexer debaixo das almofadas do sofá e a procurar nos bolsos dos sobretudos e dos casacos uns trocos que chegassem para pagar ao moço das entregas da charcutaria. Ela enfiou as mãos nos bolsos do casaco. — Cá em cima, é mais estável — disse. Embora ela tivesse um tom de voz ligeiro, eu via o nevoeiro nos seus olhos; claramente, não tinha dormido bem, por minha causa. — O Upper Park é um dos poucos lugares onde ainda se pode ver o aspeto que tinha a cidade na década de 1890. Gramercy Park também, e a Village, certas partes. Quando vim para Nova Iorque, achava que este bairro era um misto de Edith Wharton, *Franny and Zooey* e *Boneca de Luxo*.

- O Franny and Zooey passava-se no West Side.
- Pois passava, mas eu era demasiado ignorante para saber isso. Só te digo que era bastante diferente do Lower East, com tipos sem-abrigo a fazerem fogueiras em caixotes do lixo. Cá em cima, aos fins de semana, era fantástico, a deambular no museu, a trotejar pelo Central Park sozinha.
- A trotejar? Muita da conversa dela soava-me exótica, e trotejar parecia-me algum termo do hipismo da infância dela: um galope lento, talvez, algum passo equestre entre um meio-galope e um trote.
- Oh, tu sabes, a saltitar e a deslizar como eu costumo. Sem dinheiro, com buracos nas meias, a alimentar-me de papas de aveia. Acredites ou não, eu costumava vir *a pé* cá acima, nalguns fins de semana. Para poupar o dinheiro do bilhete do metro para casa. Isso era quando ainda havia fichas para o metro em vez de cartões. E embora, supostamente, se tenha de pagar para entrar nos museus? O «donativo sugerido»? Bem, eu acho que devia ter bastante mais lata dantes ou talvez sentissem pena de mim, porque... Oh, não disse ela num tom alterado, estacando, de modo que eu avancei uns passos sem dar conta.
 - O quê? Voltei para trás. O que foi?
- Senti qualquer coisa. Estendeu a palma da mão e olhou para o céu. Tu não sentiste?

No momento em que ela disse aquilo, a luz pareceu desaparecer. O céu escureceu rapidamente, ficava mais escuro a cada segundo que passava; o vento agitava as árvores no parque e as folhas novas nas árvores destacavam-se, tenras e amarelas, contra as nuvens negras.

— Caramba, era só o que faltava — disse a minha mãe. — Vai chover. — Inclinou-se na rua, a olhar para norte: não havia táxis.

Peguei-lhe na mão outra vez. — Anda daí — disse —, somos capazes de ter mais sorte do outro lado.

Impacientemente, aguardámos as últimas piscadelas do sinal «Não Atravessar». Pedaços de papel voltejavam no ar e rolavam rua abaixo. — Ei, está ali um táxi — disse eu, olhando pela Quinta Avenida acima; e, no momento em que disse isso, um homem de negócios correu para a berma com a mão erguida e a luz do táxi desligou-se.

Do outro lado da rua, os artistas apressavam-se a cobrir os seus quadros com plásticos. O vendedor de café estava a descer os estores no seu carrinho. Atravessámos a correr e quando chegámos ao lado de lá uma gota grossa de chuva caiu-me na face. Círculos castanhos esporádicos — muito espaçados, grandes como moedas — começaram a estalar no passeio.

— Oh, que maçada! — gritou a minha mãe. Remexeu na mala de mão à procura do guarda-chuva, que não era suficientemente grande para uma pessoa, muito menos para duas.

E depois começou a tombar, bátegas frias de chuva puxadas a vento, grandes rajadas a rolarem nos topos das árvores e a sacudirem os toldos do outro lado da rua. A minha mãe estava a debater-se para abrir o pequeno guarda-chuva perro, sem muito sucesso. As pessoas na rua e no parque seguravam jornais e pastas por cima das cabeças, subindo a correr as escadas até ao pórtico do museu, que era o único lugar na rua onde podiam abrigar-se da chuva. E havia algo festivo e feliz em nós os dois, a subirmos os degraus à pressa debaixo do pequeno guarda-chuva com cores de chupa-chupa, rápido rápido rápido, como se estivéssemos a escapar de alguma coisa terrível em vez de estarmos a correr para ela.

iv.

Três coisas importantes tinham acontecido à minha mãe depois de ela chegar a Nova Iorque na camioneta do Kansas, sem amigos e praticamente sem dinheiro. A primeira foi quando um agente de uma agência de modelos chamado Davy Jo Pickering a viu a servir às mesas num café na Village¹: uma adolescente magricela com umas botas *Doc Martens* e roupa de lojas baratas, com uma trança pelas costas abaixo tão comprida que podia sentar-se em cima dela. Quando ela lhe trouxe o café, ele ofereceu-lhe setecentos dólares e a seguir mil para tomar o lugar de uma rapariga que não tinha aparecido para a sessão fotográfica para um catálogo que se ia realizar do outro lado da rua. Ele apontou-lhe a carrinha da sessão, o equipamento a ser montado no parque da Sheridan Square; contou as notas, pousou-as no balcão. — Dê-me dez minutos — disse ela; serviu o resto dos pedidos do pequeno-almoço e a seguir pendurou o avental e saiu porta fora.

— Eu só fui modelo de catálogos — tinha o cuidado de explicar às pessoas, com o que queria dizer que nunca tinha aparecido em revistas de moda ou em desfiles de alta-costura, só em folhetos para cadeias de lojas, roupa desportiva barata para moças no Missuri e em Montana. Por vezes era divertido, dizia ela, mas na maior parte das vezes não: fatos de banho em janeiro, a tremer por causa de uma gripe; fazendas e lã no calor do verão, a derreter horas e horas por entre folhas artificiais de outono enquanto uma ventoinha de estúdio soprava ar quente e um tipo da maquilhagem se apressava, entre fotografias, a tirar-lhe o brilho do suor do rosto com pó de arroz.

Mas durante aqueles anos de se pôr especada a fazer de conta que era estudante — a posar em cenários de *campus* aos pares e às três, com livros agarrados ao peito — tinha conseguido poupar dinheiro suficiente para frequentar de facto a universidade: história da arte na Universidade de Nova Iorque. Nunca tinha visto ao vivo uma grande obra de arte até ter dezoito anos e se mudar para Nova Iorque, e estava ansiosa por recuperar o tempo perdido — «puro deleite, um paraíso perfeito», tinha dito, metida até ao pescoço em livros de arte e a examinar os mesmos velhos *slides* (Manet, Vuillard) até ficar com a vista turva. (— É uma loucura — tinha dito —, mas eu ficaria perfeitamente feliz se pudesse ficar sentada a olhar para a mesma meia dúzia de pinturas para o resto da vida. Não consigo pensar em melhor maneira de enlouquecer.)

A universidade foi a segunda coisa importante que lhe aconteceu em Nova Iorque — para ela, talvez a mais importante. E se não fosse

¹ Greenwich Village, bairro da cidade de Nova Iorque. (NR)

a terceira coisa (conhecer o meu pai e casar com ele — não tão afortunada como as outras duas), ela teria quase com certeza acabado o mestrado e começado o doutoramento. Sempre que tinha algumas horas livres, ia direita ao Frick, ao MoMA ou ao Met — e foi por isso que, quando estávamos abrigados debaixo do pórtico a pingar do museu, a olhar para a Quinta Avenida esfumada e com as gotas de chuva a saltarem brancas na rua, não me surpreendeu que ela sacudisse o guarda-chuva e dissesse: — Talvez devêssemos entrar e dar uma vista de olhos até parar de chover.

— Hum... — O que eu queria era tomar o pequeno-almoço.
 — Está bem.

Ela olhou para o relógio. — É melhor. Não vamos conseguir arranjar um táxi no meio disto tudo.

Tinha razão. De qualquer maneira, eu estava esfomeado. *Quando é que vamos comer?*, pensei mal-humorado, seguindo-a pelas escadas acima. Suspeitava que ela ia ficar tão furiosa depois da reunião que não me levaria a almoçar fora, eu teria de ir para casa e comer uns flocos de cereais ou coisa do género.

Mas o museu dava sempre a sensação de um feriado; e depois de estarmos lá dentro, com o ruído alegre dos turistas à nossa volta, senti-me estranhamente protegido de tudo o que o dia pudesse reservar-me. O grande átrio estava ruidoso e empestado com o cheiro de sobretudos molhados. Uma multidão encharcada de idosos asiáticos avançava, seguindo uma guia com ar de assistente de bordo; guias dos escuteiros, todas despenteadas, apinhavam-se a cochichar perto do bengaleiro; ao lado do balcão de informações estava uma fila de cadetes da escola militar com uniformes de gala cinzentos, sem boné, com as mãos atrás das costas.

Para mim — um rapaz da cidade, sempre confinado pelas paredes do apartamento —, o museu era interessante principalmente por causa do seu tamanho imenso; um palácio onde as salas se desdobravam e se tornavam tanto mais desertas quanto mais se avançava. Alguns dos quartos de dormir negligenciados e salas de estar isoladas por cordões nas profundezas da Decoração Europeia pareciam dominados por um feitiço profundo, como se ninguém tivesse posto lá o pé em centenas de anos. Desde que comecei a andar de metro desacompanhado adorava ir lá sozinho e vaguear por ali até me perder, embrenhando-me

cada vez mais no labirinto de galerias até por vezes dar por mim em salas esquecidas com armaduras e porcelanas que nunca tinha visto (e, ocasionalmente, não conseguia voltar a encontrar).

Enquanto estava atrás da minha mãe na fila para a bilheteira, lancei a cabeça para trás e olhei fixamente para a cúpula cavernosa do teto, dois andares acima: se olhasse fixamente durante bastante tempo, por vezes conseguia sentir que estava a flutuar à volta lá em cima como uma pena, um truque da minha infância remota que estava a desvanecer-se à medida que eu ia ficando mais velho.

Entretanto, a minha mãe — com o nariz vermelho, e ofegante da nossa corrida à chuva — andava à procura da carteira do dinheiro. — Talvez quando acabarmos eu dê um salto à loja do museu — estava a dizer. — Tenho a certeza de que a última coisa que a Mathilde quer é um livro de arte, mas vai ser-lhe difícil queixar-se muito sem parecer estúpida.

- Ui! disse eu. O presente é para a Mathilde? A Mathilde era a diretora artística da firma de publicidade onde a minha mãe trabalhava; era filha de um magnate francês importador de tecidos, mais nova do que a minha mãe e notoriamente difícil, disposta a fazer birra se o serviço de transportes ou o *catering* não estivessem à altura.
- É. Sem dizer uma palavra, ofereceu-me uma pastilha elástica, que eu aceitei, e depois atirou com a embalagem de novo para dento da mala de mão. Quer dizer, é mesmo o tipo da Mathilde, o presente bem escolhido não devia custar muito dinheiro, tem tudo a ver com o pisa-papéis perfeito e barato da feira da ladra. O que seria fantástico, suponho, se algum de nós tivesse tempo para ir à baixa passar a feira da ladra a pente fino. No ano passado, quando foi a vez da Pru...? Ela entrou em pânico e correu ao Saks à hora do almoço e acabou por gastar cinquenta dólares do dinheiro dela, para além do que lhe deram, para comprar uns óculos de sol, do Tom Ford, acho eu, e mesmo assim a Mathilde ainda teve de mandar a piada dela sobre os americanos e a cultura consumista. A Pru nem sequer é americana, é australiana.
- Falaste disso com o Sergio? disse eu. O Sergio, raramente no escritório, embora frequentemente nas páginas da vida social com pessoas como a Donatella Versace, era o proprietário multimilionário

da empresa da minha mãe; «falar das coisas com o Sergio» era o mesmo que perguntar: «O que faria Jesus?»

— A ideia que o Sergio faz de um livro de arte é Helmut Newton ou talvez aquele livro do tipo que é para se pôr numa mesa de apoio que a Madonna fez aqui há uns tempos.

Comecei a perguntar quem era Helmut Newton, mas depois tive uma ideia melhor. — Porque é que não lhe dás um passe do metro?

A minha mãe revirou os olhos. — Acredita, era o que eu devia fazer. — Tinha havido uma confusão no trabalho quando o carro da Mathilde ficou retido no trânsito, deixando-a em Williamsburg, no estúdio de um joalheiro.

- Tipo... anonimamente. Deixar-lho na secretária, um passe velho, por carregar. Só para ver o que ela fazia.
- Posso-te dizer o que é que ela fazia disse a minha mãe, enfiando o cartão de membro pelo guiché. Despedia a secretária dela e provavelmente metade das pessoas na produção também.

A empresa de publicidade da minha mãe especializava-se em acessórios femininos. Ao longo de todo o dia, sob o olhar agitado e ligeiramente maldoso de Mathilde, ela supervisionava sessões fotográficas em que brincos de cristal cintilavam em flocos de neve postiça sazonal, e malas de mão de pele de crocodilo — sozinhas, nos bancos traseiros de limusinas desertas — brilhavam em coroas de luz celestial. Era boa no que fazia: antes preferia trabalhar por trás da câmara do que em frente a ela; e sei que lhe dava prazer ver o seu trabalho em cartazes no metro e em *placards* na Times Square. Mas apesar do brilho e da sofisticação do trabalho (pequenos-almoços com champanhe, sacos com ofertas do Bergdorf's), trabalhava muitas horas e havia um vazio no seu coração que — eu sabia — a entristecia. O que ela realmente queria era voltar a estudar, embora, é claro, ambos soubéssemos que havia poucas hipóteses de isso acontecer agora que o meu pai tinha ido embora.

— OK — disse ela, virando-se do guiché e entregando-me o meu crachá —, ajuda-me a ter em conta as horas, está bem? É uma exposição enorme — apontou para um cartaz, RETRATOS E NATUREZAS-MORTAS: OBRAS-PRIMAS SETENTRIONAIS DA IDADE DE OURO —, não vamos conseguir ver tudo hoje, mas há algumas coisas...

A sua voz desvaneceu-se enquanto eu subia atrás dela pela grande escadaria — dividido entre a necessidade prudente de me manter perto e o impulso de me atrasar alguns passos e tentar fazer de conta que não estava com ela.

- Detesto andar assim à pressa estava ela a dizer quando a alcancei ao cimo das escadas —, mas por outro lado é o tipo de exposição a que é preciso vir duas ou três vezes. Há A Lição de Anatomia, e temos de ver isso, mas o que eu realmente quero ver é uma minúscula peça rara de um pintor que foi mestre de Vermeer. Um dos maiores mestres antigos de que nunca se ouviu falar. As pinturas de Frans Hals também são importantes. Tu conheces Hals, não conheces? O Alegre Beberrão? E os diretores da casa dos pobres?
- Certo disse eu, hesitante. Das pinturas que ela tinha mencionado, *A Lição de Anatomia* era a única que eu conhecia. Figurava um pormenor dela no cartaz da exposição: carne lívida, múltiplos cambiantes de preto, cirurgiões com ar de alcoólicos com olhos injetados e narizes vermelhos.
- Coisa de curso de arte para principiantes disse a minha mãe.
 Por aqui, vira à esquerda.

No andar de cima, senti um frio gélido, com o cabelo ainda molhado da chuva. — Não, não, por aqui — disse a minha mãe, agarrando-me na manga. A exposição era complicada de se encontrar e, enquanto percorríamos as galerias movimentadas (furando por entre multidões, virando à direita, virando à esquerda, voltando para trás por entre labirintos de organização do espaço e de sinais confusos), grandes reproduções sombrias de *A Lição de Anatomia* apareciam erraticamente e em locais inesperados, marcos ameaçadores, o mesmo velho cadáver com o braço descarnado, setas vermelhas por baixo: *sala de operações, por aqui*.

Eu não estava muito entusiasmado com a perspetiva de uma data de quadros de holandeses com vestuário escuro e quando empurrámos as portas de vidro — de salões com eco para um silêncio alcatifado — pensei ao princípio que tínhamos entrado na sala errada. As paredes brilhavam com uma névoa quente e baça de opulência, uma suavidade genérica de antiguidade; mas a seguir rasgou-se em claridade e cor e pura luz setentrional, retratos, interiores, naturezas-

-mortas, alguns minúsculos, outros majestosos: senhoras com os maridos, senhoras com cães de regaço, belezas sozinhas com vestidos bordados e mercadores esplêndidos, solitários, com joias e peles. Mesas de banquete arruinadas, atulhadas com maçãs descascadas e cascas de nozes; tapeçarias drapejadas e pratas; *trompe-l'oeils* com insetos rastejantes e flores às riscas. E quanto mais nos embrenhávamos, tanto mais estranhas e belas se tornavam as pinturas. Limões descascados, com a casca ligeiramente endurecida junto ao fio da faca, a sombra esverdeada de uma mancha de bolor. Luz a incidir no rebordo de um copo de vinho meio vazio.

- Também gosto deste segredou a minha mãe, aproximando-se de mim junto a uma natureza-morta relativamente pequena e particularmente evocativa: uma borboleta branca contra um fundo escuro, a flutuar por cima de uns frutos vermelhos. O fundo de um negro rico de chocolate tinha um calor complicado, a sugerir despensas cheias e história, a passagem do tempo.
- Sabiam realmente como explorar esta transição, os pintores holandeses, o maduro a passar a podre. A fruta está perfeita, mas não vai durar, está quase a apodrecer. E olha aqui, especialmente disse ela, estendendo o braço por cima do meu ombro para delinear no ar com o dedo —, esta passagem, a borboleta. A parte de baixo da asa era tão empoeirada e delicada que parecia que a cor se esborrataria se ela lhe tocasse. Que maravilhosamente ele joga com isso. Imobilidade com um tremor de movimento.
 - Quanto tempo lhe levou a pintar isto?

A minha mãe, que estava um pouco demasiado perto, recuou para observar a pintura — ignorando o segurança a mascar pastilha elástica cuja atenção tinha atraído e que estava a olhar fixamente para as costas dela.

— Bem, os holandeses inventaram o microscópio — disse. — Eram joalheiros, faziam lentes. Querem tudo o mais pormenorizado possível, porque até mesmo as coisas mais minúsculas significam alguma coisa. Sempre que vês moscas ou insetos numa natureza-morta, uma pétala murcha, uma mancha negra na maçã, o pintor está a transmitir uma mensagem secreta. Está a dizer que as coisas vivas não duram, que é tudo temporário. A morte na vida. É por isso que se chamam

naturezas-mortas. Talvez não vejamos ao princípio, com toda a beleza e todo o florido, a pequena mancha de podre. Mas se olharmos mais de perto, está lá.

Inclinei-me para baixo para ler a legenda, impressa em letras discretas na parede, que me informava que o pintor — Adriaen Coorte, datas de nascimento e de morte incertas — tinha permanecido desconhecido em vida e a sua obra não reconhecida até à década de 1950. — Ei — disse eu —, mãe, viste isto?

Mas ela já tinha avançado. As salas estavam gélidas e em silêncio, com tetos rebaixados e sem nenhum do eco atroador palaciano da grande galeria. Embora estivesse a ver a exposição um número razoável de pessoas, mesmo assim dava a sensação tranquila e sinuosa de um lugar estagnado, uma certa calma selada em vácuo: longos suspiros e exalações extravagantes, como uma sala cheia de alunos a fazerem um teste. Eu segui a minha mãe enquanto ela ziguezagueava de retrato em retrato, muito mais depressa do que usualmente visitava uma exposição, de flores para mesas de jogo para frutos, ignorando muitos dos quadros (a nossa quarta caneca de prata ou faisão morto) e desviando-se para outros sem hesitação (— Agora, Hals. Ele é tão piroso por vezes, com estes bêbados e estas moçoilas todas, mas quando acerta, acerta mesmo. Nada de lambidinhos e de precisão, trabalha com tinta sobre tinta, pincelada atrás de pincelada, é tudo tão rápido. Os rostos e as mãos, reproduzidos realmente bem, ele sabe que é para onde o olhar é atraído, mas olha para as roupas, tão soltas, quase esboçadas. Vê como é aberto e moderno o trabalho do pincel!). Passámos algum tempo em frente a um retrato da autoria de Hals, de um rapaz com uma caveira na mão (- Não te zangues, Theo, mas com quem achas que ele se parece? Com alguém — puxando-me a parte de trás do cabelo — que está a precisar de cortar o cabelo?), e também dos dois grandes retratos de Hals de oficiais num banquete, que, disse-me ela, eram muito, muito famosos e uma influência gigantesca sobre Rembrandt. (— Van Gogh também adorava Hals. Algures, está a escrever sobre Hals e diz: Frans Hals tem nada mais nada menos do que vinte e nove tonalidades de preto! Ou seriam vinte e sete?). Eu seguia-a com uma espécie de sensação estonteada de tempo perdido, encantado com a sua absorção, com o modo como parecia não dar conta dos minutos a voarem. Dava a ideia de que a nossa meia hora devia estar quase a acabar; mesmo assim, eu queria demorar-me e distraí-la, na esperança infantil de que o tempo passasse sem darmos conta e faltássemos à reunião.

— Agora, Rembrandt — disse a minha mãe. — Toda a gente diz sempre que este quadro é sobre a razão e o iluminismo, o dealbar da investigação científica, isso tudo, mas para mim é sinistro como eles são polidos e formais, a andarem à volta da bancada como num buffet numa festa. Embora... — apontou. — Vês aqueles dois tipos intrigados na parte de trás? Não estão a olhar para o cadáver, estão a olhar para nós. Para ti e para mim. Como se nos vissem aqui de pé em frente a eles, duas pessoas do futuro. Sobressaltados. «O que é que vocês estão a fazer aqui?» Muito naturalista. Mas, por outro lado — delineou o cadáver no ar, com o dedo —, o corpo não está pintado de uma forma muito natural, se olhares bem. Um brilho estranho a sair dele, vês? Uma autópsia a um extraterrestre, quase. Vês como ilumina os rostos dos homens que estão a olhar para baixo, para ele? Como se brilhasse com a sua própria fonte de luz? Ele pinta-o com aquela qualidade radioativa, porque quer desviar o nosso olhar para ele, fazer com que nos salte aos olhos. E aqui — apontou para a mão descarnada — vês como ele chama a atenção para ela pintando-a tão grande, toda desproporcionada em relação ao resto do corpo? Até a virou ao contrário, de maneira que o polegar está no lado errado, vês? Bem, não fez isso por engano. A mão está sem pele, vemo-lo imediatamente, algo de muito errado, mas ao inverter o polegar ele faz com que pareça ainda mais errado, apercebemo-nos subliminarmente, mesmo se não conseguirmos identificá-lo claramente, algo está realmente fora de ordem, não está certo. Um truque muito esperto. — Estávamos atrás de um grupo de turistas asiáticos, tantas cabeças que eu mal conseguia ver a pintura, mas de qualquer modo não me importava assim tanto como isso, porque tinha visto uma rapariga.

Ela também me tinha visto. Andávamos a olhar um para o outro enquanto atravessávamos os salões. Eu não tinha bem a certeza do que é que era assim tão interessante nela, já que era mais nova do que eu e tinha um aspeto um pouco estranho — nada como as raparigas por quem eu normalmente sentia um fraquinho, belezas sérias e reservadas que lançavam olhares desdenhosos à sua volta e saíam com tipos

grandes. Esta rapariga tinha cabelo muito ruivo; os seus movimentos eram rápidos, o rosto de feições vincadas e com uma expressão marota e estranha, e os olhos de uma cor esquisita, um castanho-dourado de mel. E embora fosse demasiado magra, toda cotovelos, e de certo modo quase feia, havia qualquer coisa nela que me dava uma sensação estranha no estômago. Trazia descuidadamente e a balouçá-lo um estojo de flauta com um ar estragado — uma miúda da cidade? A caminho de uma lição de música? Talvez não, pensei, passando atrás dela ao seguir a minha mãe para a galeria seguinte; as suas roupas eram um pouco excessivamente discretas e suburbanas; provavelmente, era uma turista. Mas movia-se com um ar mais seguro de si do que a maior parte das raparigas que eu conhecia; e o olhar matreiro e compenetrado que me lançou ao passar por mim pôs-me doido.

Eu estava a seguir a minha mãe, a prestar pouca atenção ao que ela dizia, quando ela parou em frente a um quadro tão de repente que quase esbarrei nela.

- Oh, desculpa...! disse ela, sem olhar para mim, recuando para me dar espaço. O rosto dela estava como se alguém tivesse ligado uma luz dentro dele.
- Era deste que eu estava a falar disse ela. Não é incrível? Inclinei a cabeça na direção da minha mãe, numa atitude de quem escuta com atenção, enquanto os meus olhos vagueavam de volta para a rapariga. Ela estava acompanhada por um velho esquisito de cabelo branco, que supus, pelas suas feições definidas, ser-lhe aparentado, talvez o avô: casaco de pied-de-poule, sapatos compridos e estreitos de atacadores, tão brilhantes como vidro. Tinha os olhos bastante juntos e um nariz como um bico de pássaro; coxeava de facto, todo o seu corpo se inclinava para um lado, com um ombro mais alto do que o outro; e se a sua inclinação fosse um pouco mais pronunciada, poder-se-ia dizer que era corcunda. Mas, mesmo assim, havia algo de elegante nele. E claramente adorava a rapariga, pela maneira divertida e companheira como manquejava ao seu lado, a tomar cuidado onde punha os pés, com a cabeça inclinada na direção dela.
- Esta é praticamente a primeira pintura que eu realmente adorei estava a dizer a minha mãe. Não vais acreditar, mas vinha num livro que eu costumava requisitar na biblioteca quando era

pequena. Sentava-me no chão junto à minha cama e olhava-a fixamente horas e horas, completamente fascinada, aquele tipo pequeno! E, quer dizer, de facto é incrível o quanto se pode aprender sobre uma pintura passando muito tempo a olhar para uma reprodução, mesmo para uma reprodução não muito boa. Comecei por adorar o pássaro, da maneira como se adora um animal de estimação ou coisa do género, e acabei por adorar a maneira como ele estava pintado. — Riu-se. — A Lição de Anatomia aparecia de facto no mesmo livro, mas assustava-me de morte. Eu costumava fechar o livro com força quando o abria nessa página por engano.

A rapariga e o homem de idade tinham-se aproximado de nós. Embaraçado, inclinei-me para a frente e olhei para a pintura. Era um quadro pequeno, o mais pequeno da exposição, e o mais simples: um pintassilgo amarelo contra um fundo simples, pálido, acorrentado a um poleiro pelo seu tornozelo fino como um galho.

— Ele foi aluno de Rembrandt, professor de Vermeer — disse a minha mãe. — E este pequeno quadro é realmente o elo que falta entre os dois; aquela luz do dia clara e pura, vê-se bem aonde Vermeer foi buscar a qualidade da sua luz. É claro, eu não me importava com nada disso quando era pequena, com o significado histórico. Mas está lá.

Recuei, para ver melhor. Era uma criaturinha direta e comum, sem nada de sentimental; e algo na maneira distinta e compacta como se encolhia dentro de si próprio — a sua vivacidade, a sua expressão alerta e vigilante — fez-me pensar em fotografias que eu tinha visto da minha mãe quando ela era pequena: um pintassilgo de cabeça escura e olhar firme.

- Foi uma tragédia famosa na História holandesa estava a dizer a minha mãe. Uma enorme parte da cidade ficou destruída.
 - O quê?
- O desastre em Delft. Que matou Fabritius. Não ouviste a professora ali atrás a contar às crianças?

Tinha ouvido. Havia um trio de paisagens horrorosas, de um pintor chamado Egbert van der Poel, imagens diferentes do mesmo espaço de devastação a fumegar: casas em ruínas ardidas, um moinho com velas esfarrapadas, corvos em círculos em céus cheios de fumo. Uma senhora com um ar oficial tinha explicado em voz alta a um grupo de crianças

do primeiro ciclo que uma fábrica de pólvora explodiu em Delft no século XVII, que o pintor ficou tão assombrado e tão obcecado pela destruição da sua cidade que a pintou uma e outra vez.

— Bem, Egbert era vizinho de Fabritius, ele ficou mais ou menos louco depois da explosão da pólvora, pelo menos é o que me parece, mas Fabritius morreu e o seu estúdio ficou destruído. Juntamente com quase todas as suas pinturas, exceto esta. — Ela parecia estar à espera de que eu dissesse alguma coisa, mas, como eu não falei, prosseguiu: — Ele era um dos maiores pintores do seu tempo, num dos períodos mais importantes da pintura. Muito, muito famoso no seu tempo. Mas é triste, porque só talvez umas cinco ou seis pinturas sobreviveram, de todas as obras dele. Tudo o resto perdeu-se, tudo o que ele tinha feito.

A rapariga e o seu avô estavam parados discretamente ao lado, a ouvir a minha mãe falar, o que era um bocado embaraçoso. Eu desviei os olhos e a seguir — incapaz de resistir — voltei a olhar para eles. Estavam muito perto, tão perto que eu poderia estender a mão e tocar-lhes. Ela estava a bater na manga do homem de idade e a puxá-la, sacudindo-lhe o braço para lhe segredar qualquer coisa ao ouvido.

— Seja como for, se queres a minha opinião — estava a dizer a minha mãe —, este é o quadro mais extraordinário em toda a exposição. Fabritius está a tornar claro algo que descobriu sozinho, que nenhum pintor no mundo sabia antes dele, nem mesmo Rembrandt.

Muito baixo, tão baixo que eu mal conseguia ouvi-la, ouvi a rapariga segredar: — Teve de viver a vida toda assim?

Eu tinha estado a perguntar-me a mesma coisa: a pata algemada, a corrente, era terrível; o avô murmurou uma resposta, mas a minha mãe (que parecia totalmente inconsciente da presença deles, embora eles estivessem mesmo ao nosso lado) recuou e disse: — Um quadro tão misterioso, tão simples. Realmente terno, convida-nos a aproximarmo-nos, sabes? Todos aqueles faisões mortos lá para trás e depois este pequeno ser vivo.

Permiti-me mais um olhar furtivo na direção da rapariga. Ela estava equilibrada numa perna, com a anca lançada para o lado. Depois — muito de repente — virou-se e olhou-me nos olhos; e num batimento de confusão do meu coração, eu desviei o olhar.

Como é que ela se chamava? Porque é que não estava nas aulas? Eu tinha estado a tentar ler o nome escrito no estojo da flauta, mas mesmo quando me inclinei tanto quanto me atrevia sem ser óbvio, não fui capaz de ler os traços grossos e espetados a marcador, mais desenhados do que escritos, como alguma coisa pintada a *spray* numa carruagem do metro. O último nome era curto, só quatro ou cinco letras; a primeira parecia um R, ou seria um P?

— As pessoas morrem, claro — estava a dizer a minha mãe. — Mas é de partir o coração e desnecessário como perdemos *coisas*. Por puro descuido. Incêndios, guerras. O Pártenon, usado como armazém de munições. Acho que tudo o que conseguimos salvar da História é um milagre.

O avô tinha-se afastado, a alguns quadros de distância; mas ela demorava-se alguns passos atrás, a rapariga, e continuava a lançar olhares para trás, à minha mãe e a mim. Uma pele linda: de um branco leitoso, braços como mármore esculpido. Decididamente, parecia atlética, embora demasiado pálida para ser tenista; talvez fosse bailarina ou ginasta, ou até nadadora de mergulhos, a praticar tarde em piscinas interiores cheias de sombras, ecos e refrações, azulejos escuros. Mergulhando com o peito arqueado e as pontas dos pés espetadas para o fundo da piscina, um *chape* silencioso, fato de banho preto brilhante, bolhas a formarem-se e a deslizarem pelo seu pequeno corpo tenso.

Porque é que eu ficava assim obcecado com pessoas? Era normal fixar-me em estranhos desta maneira particular, vívida e febril? Achava que não. Era impossível imaginar alguém ao acaso que passasse na rua a formar um interesse assim por *mim*. E, no entanto, essa foi a razão principal porque eu tinha entrado naquelas casas com Tom: sentia-me fascinado por estranhos, queria saber que comida comiam e em que pratos a comiam, que filmes viam e que música ouviam, queria espreitar debaixo da cama deles e nas suas gavetas secretas e nas mesas de cabeceira e dentro dos bolsos dos seus casacos. Muitas vezes, via pessoas com um aspeto interessante na rua e pensava nelas desassossegado dias e dias, imaginando a sua vida, inventando histórias sobre elas no metro ou no autocarro que atravessa a cidade. Tinham-se passado anos e eu ainda não tinha parado de pensar nas crianças de cabelo escuro com os seus uniformes da escola católica — irmão e irmã — que tinha visto

na zona da estação de Grand Central, literalmente a tentarem arrastar o pai para fora de um bar duvidoso pelas mangas do casaco do seu fato. Também não tinha esquecido a rapariga frágil, com ar de cigana, numa cadeira de rodas em frente ao Hotel Carlyle, a falar ofegante em italiano com o cão de pelo encaracolado no seu regaço, enquanto um tipo com um ar duro, de óculos escuros (pai?, guarda-costas?), se mantinha por trás da cadeira, aparentemente a fazer algum negócio ao telefone. Durante anos, eu dera voltas a esses desconhecidos na minha mente, perguntando-me quem seriam e como seriam as suas vidas, e sabia que iria para casa pensar nesta rapariga e no seu avô da mesma maneira. O homem idoso tinha dinheiro; via-se pela maneira como estava vestido. Porque é que estavam só os dois? De onde eram? Talvez pertencessem a uma velha família de Nova Iorque, grande e complicada — gente da música, professores universitários, uma daquelas famílias grandes e artísticas do West Side que se viam lá para cima ao redor de Columbia ou nas matinés do Lincoln Center. Ou, talvez — velho senhor civilizado que era —, talvez não fosse o avô dela. Talvez fosse professor de música e ela fosse o prodígio da flauta que ele descobrira nalguma pequena cidade e trouxera para tocar no Carnegie Hall...

— Theo? — disse a minha mãe subitamente. — Tu ouviste-me? A sua voz trouxe-me de volta a mim próprio. Estávamos na última sala da exposição. Para lá dela encontrava-se a loja do museu — postais, caixa registadora, pilhas brilhantes de livros de arte — e a minha mãe, infelizmente, não tinha perdido a noção do tempo.

— Devíamos ver se ainda está a chover — estava ela a dizer. — Ainda temos algum tempo — (olhando para o relógio, lançando um olhar para lá de mim para o sinal de Saída) —, mas acho que era melhor descermos, se quero tentar arranjar alguma coisa para a Mathilde.

Reparei que a rapariga estava a observar a minha mãe enquanto ela falava — a deslizar os olhos curiosamente pelo rabo de cavalo preto e sedoso da minha mãe, pela sua gabardina de cetim branco apertada na cintura — e encantou-me vê-la por um momento como a rapariga a via, como uma estranha. Será que ela via como o nariz da minha mãe tinha um alto minúsculo na parte de cima, onde ela o tinha partido ao cair de uma árvore em pequena? Ou como os círculos negros à volta

das íris de um azul-claro dos olhos da minha mãe lhe davam um ar ligeiramente selvagem, como de algum animal de olhar firme à caça sozinho numa planície?

— Sabes... — a minha mãe olhou por cima do ombro —, se não te importas, eu volto num instante atrás para ver rapidamente mais uma vez *A Lição de Anatomia* antes de irmos embora. Não consegui vê-la de perto e tenho receio de não poder voltar cá antes de a exposição acabar. — Começou a afastar-se, com os sapatos a martelarem o soalho à pressa, e depois lançou-me um olhar como que a dizer: *não vens?*

Isso foi tão inesperado que por uma fração de segundo eu não soube o que dizer. — Hum — disse eu, recuperando —, encontramo-nos na loja.

— OK — disse ela. — Compra-me um par de postais, está bem? Eu volto num instante.

E lá foi ela, à pressa, antes de eu ter a oportunidade de dizer uma palavra. Com o coração a bater, incapaz de acreditar na minha sorte, vi-a a afastar-se rapidamente de mim, na sua gabardina de cetim branco. Era aquela a minha oportunidade de falar à rapariga; mas o que é que eu lhe posso dizer, pensei furiosamente, o que lhe posso dizer? Enfiei as mãos nos bolsos, respirei fundo para me recompor e — com a excitação a borbulhar no estômago — virei-me para a olhar de frente.

Mas, para minha consternação, ela tinha desaparecido. Quer dizer, não tinha desaparecido; eu via a sua cabeça ruiva, a mover-se com relutância (ou assim parecia), do outro lado da sala. O avô dela tinha-lhe dado o braço e — segredando-lhe com grande entusiasmo — estava a arrastá-la para olharem para um quadro qualquer na parede do lado oposto.

Apetecia-me matá-lo. Nervosamente, deitei um olhar à entrada vazia. A seguir, enterrei as mãos ainda mais nos bolsos e — com as faces a arder — percorri embaraçado o comprimento da galeria. O relógio não parava; a minha mãe voltaria a qualquer segundo; e embora eu soubesse que não teria o à-vontade para me aproximar e dizer alguma coisa, podia pelo menos olhar bem para ela uma última vez. Pouco antes, tinha ficado a pé até tarde com a minha mãe a ver *Citizen Kane* e agradara-me muito a ideia de que uma pessoa pudesse reparar de passagem nalguma desconhecida enfeitiçadora e recordá-la para o resto

da vida. Algum dia, também eu poderia ser como o homem velho do filme, recostado no meu cadeirão com uma expressão distante nos olhos, e dizer: «Sabe, foi há sessenta anos e eu nunca mais voltei a ver aquela rapariga do cabelo ruivo, mas quer saber? Não se passou um mês durante esse tempo todo em que eu não pensasse nela.»

Já estava a mais de meio da galeria quando algo estranho aconteceu. Um guarda do museu correu pela porta aberta da loja da exposição. Levava alguma coisa nos braços.

A rapariga também o viu. Os seus olhos castanho-dourados encontraram-se com os meus: um olhar sobressaltado, perplexo.

Subitamente, outro guarda voou da loja do museu. Tinha os braços no ar e estava a gritar.

Ergueram-se cabeças. Alguém por trás de mim disse, numa estranha voz monocórdica: — Oh! — No instante seguinte, um rebentamento tremendo e ensurdecedor abalou a sala.

O homem idoso — com uma expressão vazia no rosto — cambaleou para o lado. O seu braço estendido — com os dedos ossudos esticados — é a última coisa que me lembro de ver. Quase exatamente no mesmo momento, houve um clarão preto, com estilhaços lançados a rodopiarem à minha volta, e um rugido de ar quente embateu em mim e atirou-me para o outro lado da sala. E essa foi a última coisa de que me apercebi durante algum tempo.

v.

Não sei quanto tempo estive desmaiado. Quando recuperei os sentidos, dava a impressão de que estava deitado de barriga para baixo numa caixa de areia, nalgum parque infantil escuro — nalgum lugar que eu não conhecia, num bairro deserto. Um bando de rapazes duros e enfezados estava em chusma à minha volta, a darem-me pontapés nas costelas e na nuca. Eu tinha o pescoço torcido para o lado e sentia falta de ar, mas isso não era o pior; tinha areia na boca, estava a respirar areia.

Os rapazes resmungaram, audivelmente. Levanta-te, seu merdas.

Olha para mim, olha para mim.

Ele não sabe a ponta de um corno.

Virei-me para cima e atirei os braços por cima da cabeça e depois — com um sobressalto vertiginoso e surreal — vi que não estava lá ninguém.

Por um momento, fiquei por terra, demasiado estonteado para me mexer. Soavam alarmes a uma distância abafada. Por estranho que parecesse, eu tinha a impressão de que estava deitado no pátio interior de algum bairro camarário horroroso.

Alguém me tinha espancado a sério: doía-me o corpo todo, tinha as costelas doridas e sentia a cabeça como se alguém me tivesse batido com um tubo de chumbo. Estava a mexer os maxilares para a frente e para trás e a tentar meter as mãos aos bolsos para ver se tinha dinheiro para voltar para casa de metro quando me apercebi abruptamente de que não fazia ideia de onde estava. Fiquei ali prostrado, com a consciência crescente de que algo não batia nada certo. A luz estava toda errada, e o ar também: acre e forte, um nevoeiro químico que me queimava a garganta. A pastilha elástica que tinha na boca estava com areia e, quando — com a cabeça a latejar — me virei para a cuspir, dei por mim a pestanejar por entre camadas de fumo e vi algo tão estranho que fiquei a olhar fixamente durante uns momentos.

Estava numa gruta branca escavacada. Panos e farrapos pendiam do teto. O chão estava aluído e atulhado de montes de uma substância cinzenta parecida com pedras lunares, e agitado com vidros estilhaçados e cascalho e um furação de lixo variado, tijolos e metal derretido e coisas de papel, tudo coberto com uma camada fina de cinza como a primeira geada. Muito acima da minha cabeça, um par de candeeiros projetava a sua luz através da poeira como faróis tortos no nevoeiro, cada um para seu lado, um em ângulo para cima e o outro virado para o lado e a projetar sombras oblíquas.

Sentia um tinido nas orelhas, e no corpo também, uma sensação intensamente perturbadora: ossos, cérebro, coração, todos a vibrarem como um sino a tocar. Tenuemente, de algum lugar muito distante, os guinchos mecânicos dos alarmes soavam constantes e impessoais. Eu mal conseguia distinguir se o som vinha de dentro ou de fora de mim. Tinha uma forte sensação de estar sozinho, numa calmaria morta de inverno. Nada fazia sentido em nenhuma direção.

Numa cascata de cascalho, com a mão numa superfície não propriamente vertical, pus-me de pé, estremecendo por causa da dor que sentia

na cabeça. A inclinação do lugar onde eu me encontrava era profunda, inatamente errada. Num dos lados, fumo e pó estavam suspensos numa camada imóvel, como um cobertor. No outro, um monte de materiais destroçados inclinava-se para baixo num emaranhado onde o telhado, ou o teto, deveria estar.

Doía-me o maxilar; tinha o rosto e os joelhos feridos; a minha boca era como uma lixa. A piscar os olhos à minha volta para o caos, vi uma sapatilha; vagas de materiais esboroados, manchados de escuro; uma bengala de alumínio torcida. Estava a tentar equilibrar-me, sufocado e com tonturas, sem saber para onde me virar ou o que fazer, quando, de repente, me pareceu ouvir um telefone a tocar.

Por um momento, não tive a certeza; esforcei-me por escutar; e depois ele voltou a tocar: ténue e arrastado, um pouco esquisito. À toa, remexi nos escombros — levantando carteiras de meninas cheias de poeira e lancheiras, afastando as mãos de coisas quentes e de estilhaços de vidros partidos, cada vez mais perturbado pela maneira como os escombros cediam debaixo dos meus pés nalguns sítios e pelas protuberâncias moles, inertes, que via pelo canto dos olhos.

Mesmo depois de me convencer de que não tinha ouvido um telefone, de que o tinido nos meus ouvidos me tinha pregado uma partida, continuei à procura, preso aos gestos mecânicos de procurar, com uma intensidade irrefletida de robô. Entre esferográficas, malas de mão, carteiras de dinheiro, óculos partidos, chaves de hotel, caixas de pó de arroz e frascos de perfume e medicamentos receitados (*Roitman*, *Andrea*, alprazolam 0,25 mg), descobri um porta-chaves com lanterna e um telemóvel que não estava a funcionar (meio carregado, sem rede), que atirei para um saco de compras de náilon que tinha encontrado na mala de mão de alguma senhora.

Estava a respirar com dificuldade, meio sufocado com a poeira do estuque, e doía-me tanto a cabeça que mal conseguia ver. Queria sentar-me, mas não havia sítio onde me sentar.

E então vi uma garrafa de água. Os meus olhos voltaram atrás, depressa, e vaguearam pela confusão até a ver outra vez, a cerca de um metro e meio, meio enterrada numa pilha de escombros: só um indício de uma etiqueta, tonalidade familiar de azul gélido.

Com um peso anestesiado, como se avançasse por entre a neve, comecei a arrastar-me e a esgueirar-me por entre os escombros, com lixo a quebrar-se sob os meus pés com estalidos agudos e glaciais. Mas não tinha ainda chegado muito longe quando, pelo canto do olho, vi movimento no chão, chamando a atenção naquela imobilidade, um estremecimento de branco sobre branco.

Parei. A seguir, avancei a custo alguns passos. Era um homem, deitado de costas e embranquecido da cabeça aos pés com poeira. Estava tão bem camuflado nas ruínas polvilhadas de cinzas que só um momento depois a sua forma se tornou clara: giz sobre giz, a esforçar-se por se sentar como uma estátua tombada do seu pedestal. Quando me aproximei, vi que era velho e muito fraco, com um ar torto de corcunda; o seu cabelo — o pouco que tinha — estava espetado para cima; tinha o lado do rosto salpicado com horrendas manchas de queimaduras e a cabeça, acima de uma das orelhas, era um horror negro pegajoso.

Eu já tinha chegado aonde ele estava quando — com inesperada rapidez — ele estendeu o seu braço embranquecido pelo pó e me agarrou a mão. Em pânico, recuei, mas ele só me agarrou com mais força, a tossir, a tossir com um doentio som húmido.

- Onde...? parecia estar a dizer. Onde...? Estava a tentar olhar para cima, para mim, mas a cabeça pendia-lhe pesada do pescoço e o queixo descaía-lhe para o peito, de modo que ele se viu forçado a olhar para mim de cabeça baixa, como um abutre. Mas os seus olhos, no rosto em ruínas, eram inteligentes e desesperados.
- Oh, meu Deus disse eu, debruçando-me para o ajudar —, espere, espere e a seguir parei, sem saber o que fazer. A metade inferior do seu corpo estava meio deitada e torcida no chão, como uma pilha de roupas sujas.

Ele apoiou-se nos braços, animado, parecia, com os lábios a mexerem-se e ainda a esforçar-se por se levantar. Fedia a cabelo queimado, a lã queimada. Mas a metade inferior do seu corpo parecia desligada da metade superior, e ele tossiu e tombou para trás.

Olhei à minha volta, a tentar orientar-me, fora de mim por causa da ferida na cabeça, sem nenhum sentido do tempo ou até se era de dia ou de noite. A grandiosidade e a desolação daquele espaço desconcertavam-me — a sua altura rarefeita, às camadas de gradações de

fumo, e a ondular com um efeito de tenda enrodilhada onde o teto (ou o céu) deveria estar. Mas embora eu não fizesse ideia de onde estava, ou porquê, havia mesmo assim algo meio recordado naquelas ruínas, uma carga cinemática no clarão das luzes de emergência. Na Internet, eu tinha visto um vídeo de um hotel que explodiu no deserto, em que os quartos como favos de colmeia no momento da derrocada ficaram paralisados numa explosão de luz semelhante.

E então lembrei-me da água. Recuei, a olhar a toda a volta, até que, com o coração aos saltos, tive um vislumbre do azul empoeirado.

— Olhe — disse, afastando-me —, eu só vou...

O velho homem estava a fitar-me com um olhar ao mesmo tempo esperançado e sem esperança, como um cão faminto demasiado fraco para andar.

- Não... espere. Eu volto.

Como um bêbado, cambaleei por entre os escombros — esquivando-me e arrojando-me para a frente, saltando por cima de objetos, furando caminho à toa por entre tijolos e cimento e sapatos e malas de mão e toda uma série de pedaços chamuscados que não queria ver de muito perto.

A garrafa estava três quartos cheia e quente ao toque. Mas com o primeiro gole a minha garganta tomou o controlo e eu emborquei mais de metade — a saber a plástico, quente como água de lavar a louça —, antes de me dar conta do que estava a fazer e de me forçar a pôr-lhe a tampa e a metê-la no saco para a levar ao homem.

De joelhos ao lado dele. Pedras a espetarem-se-me nos joelhos. Ele tremia, tinha uma respiração ofegante e entrecortada; os seus olhos não se fixavam nos meus, mas vagueavam acima deles, pregados com preocupação nalguma coisa que eu não via.

Eu estava a remexer no saco para tirar a garrafa de água quando ele estendeu a mão para o meu rosto. Cuidadosamente, com os seus velhos dedos ossudos e espalmados, afastou-me o cabelo dos olhos, arrancou-me um pedaço de vidro da sobrancelha e em seguida deu-me uma palmadinha na cabeça.

— Pronto, pronto. — A voz dele era muito ténue, muito arranhada, muito cordial, com um assobio pulmonar horrendo. Olhámos um para o outro, por um longo e estranho momento que nunca esqueci, de

facto, como dois animais a encontrarem-se ao crepúsculo, durante o qual alguma faísca clara, pessoal, pareceu despedir-se dos seus olhos e eu vi quem ele realmente era — e ele, creio, viu-me a mim. Por um instante, ficámos ligados e a zumbir, como dois motores no mesmo circuito.

A seguir ele tombou para trás outra vez, tão molemente que julguei que estivesse morto. — Aqui tem — disse eu, atabalhoadamente, enfiando a mão debaixo do ombro dele. — Isto é bom. — Segurei-lhe a cabeça o melhor que podia e ajudei-o a beber da garrafa. Ele só conseguiu beber um pouco e a maior parte escorreu-lhe pelo queixo.

Mais uma vez a tombar para trás. O esforço era de mais.

— Pippa — disse ele numa voz pastosa.

Olhei para baixo, para o seu rosto queimado, vermelho, despertado por algo familiar nos seus olhos, que eram da cor da ferrugem e límpidos. Eu já o tinha visto. E também tinha visto a rapariga, um brevíssimo instantâneo, uma lucidez de folha de outono: sobrancelhas da cor da ferrugem, olhos de um castanho de mel. O rosto dela estava refletido no dele. Onde é que ela estava?

Ele estava a tentar dizer alguma coisa. Lábios rachados a moverem-se. Queria saber onde estava Pippa.

A respirar com dificuldade e ofegante. — Ouça — disse eu, agitado —, tente manter-se imóvel.

- Ela devia apanhar o comboio, é muito mais rápido. A não ser que a tragam de carro.
- Não se preocupe disse eu, debruçando-me para mais perto dele. Eu não estava preocupado. Viria alguém daí a pouco tempo para nos tirar dali, tinha a certeza. Eu espero até chegarem.
- És tão bondoso. A sua mão (fria, seca como pó) a agarrar com força a minha. Não te via desde que eras um rapazinho pequeno. Estavas todo crescido da última vez que falámos.
- Mas eu sou o Theo disse eu, após uma pausa ligeiramente confundida.
- É claro que és. O seu olhar, tal como a forma como me agarrava a mão, era firme e bondoso. E fizeste a melhor escolha possível, tenho a certeza. Mozart é muito mais agradável do que Gluck, não achas?

Eu não sabia o que dizer.

- Será mais fácil vocês os dois. São tão rigorosos com vocês as crianças nestas audições... Tosse. Lábios brilhantes de sangue, espesso e vermelho. Não dão segundas hipóteses.
- Ouça... Parecia-me errado deixá-lo pensar que era outra pessoa.
- Oh, mas vocês tocam tão bem, meu querido, vocês os dois. O sol maior. Está sempre a passar-me pela cabeça. Levemente, levemente, delicado...

A trautear algumas notas sem forma. Uma canção. Era uma canção.

— ... e eu devo ter-te contado, como tive lições de piano, na casa da velha senhora da Arménia? Havia um lagarto verde que vivia na palmeira, verde como um rebuçado, eu adorava ver se o via... clarão no parapeito da janela... luzes de enfeitar no jardim... du pays saint... vinte minutos a pé, mas pareciam milhas e milhas...

Desfaleceu por um minuto; eu sentia a sua inteligência a afastar-se de mim, a rodopiar para fora de vista como uma folha num ribeiro. Depois veio outra vez à tona e lá estava ele outra vez.

- E tu! Que idade tens agora?
- Treze anos.
- Andas no Lycée Français?
- Não, a minha escola fica no West Side.
- E ainda bem, acho eu. Todas aquelas aulas de francês! Demasiadas palavras de vocabulário para uma criança. *Nom et pronom*, espécie e filo. É só uma forma de colecionar insetos.
 - Desculpe?
- Falavam sempre em francês no Groppi's. Lembras-te do Groppi's? Com o guarda-sol às riscas e os gelados de pistácio?

Guarda-sol às riscas. Custava-me pensar com a dor de cabeça. Desviei os olhos para o corte comprido na cabeça dele, empapado e escuro, como uma ferida provocada por um machado. Cada vez mais, apercebia-me de formas terríveis com aspeto de corpos tombadas nos escombros, cascos escuros não claramente visíveis, a rodearem-nos silenciosamente, trevas por todo o lado e os corpos como bonecas de trapos, e no entanto era uma escuridão em que se podia vogar, com algo de sonolento, esteira de espuma revolvida e desaparecida num oceano frio e negro.

Subitamente, algo estava muito errado. Ele estava acordado, a sacudir-me. A acenar com as mãos. Queria alguma coisa. Tentou soerguer-se, com uma respiração sibilante.

— O que foi? — disse eu, sacudindo-me para despertar. Ele estava ofegante, agitado, a puxar-me o braço. A medo, sentei-me e olhei à minha volta, esperando ver um novo perigo a aproximar-se: fios soltos, um incêndio, o teto prestes a desabar.

Agarrou a minha mão. Apertou-a com força. — Não ali — conseguiu dizer.

- O quê?
- Não o deixes. Não. Ele estava a olhar para lá de mim, a tentar apontar para qualquer coisa. Leva-o embora dali.
 - Por favor, deite-se...
- Não! Eles não podem vê-lo. Estava frenético, a agarrar-me agora o braço, a tentar sentar-se. — Roubaram os tapetes, vão levá-lo para o barração da alfândega...

Ele estava, vi, a apontar para um retângulo de cartão coberto de poeira, virtualmente invisível por entre as traves partidas e os escombros, mais pequeno do que o meu portátil lá em casa.

- Aquilo? disse eu, olhando com mais atenção. Estava salpicado com gotas de cera e coberto com uns remendos irregulares de etiquetas a desfazerem-se. É aquilo que quer?
- Suplico-te. Olhos fechados com força. Estava perturbado, a tossir tanto que mal conseguia falar.

Estendi o braço e peguei no cartão pelas bordas. Parecia surpreendentemente pesado, para algo tão pequeno. Uma lasca comprida de moldura partida estava agarrada a um canto.

Passei a manga pela superfície coberta de poeira. Um minúsculo pássaro amarelo, ténue sob um véu de pó branco. A Lição de Anatomia aparecia de facto no mesmo livro, mas assustava-me de morte.

Certo, respondi sonolento. Virei-me, com o quadro na mão para o mostrar à minha mãe, mas tomei consciência de que ela não estava ali.

Ou — estava e não estava. Parte dela estava ali, mas era invisível. A parte invisível era a parte importante. Isto era algo que eu nunca tinha compreendido antes. Mas quando tentei dizê-lo em voz alta, as palavras saíram-me atropeladas e dei-me conta, com um choque

frio, de que estava errado. Ambas as partes tinham de estar juntas. Não se podia ter uma parte sem a outra.

Esfreguei o braço na testa e tentei piscar os olhos para tirar os ciscos dos olhos e, com um esforço colossal, como se estivesse a levantar um peso demasiado pesado para mim, tentei passar a minha mente para onde sabia que precisava de a ter. Onde estava a minha mãe? Por um momento, tínhamos sido três e uma dessas pessoas — eu tinha a certeza — era ela. Mas agora éramos só dois.

Por trás de mim, o velho homem tinha começado a tossir e a estremecer outra vez com uma urgência incontrolável, a tentar falar. Estendendo o braço para trás, tentei entregar-lhe o quadro. — Aqui tem — disse, e depois, à minha mãe, no lugar onde ela parecera estar: — Eu volto dentro de um minuto.

Mas o quadro não era o que ele queria. Aflito, empurrou-o para mim, balbuciando qualquer coisa. O lado direito da cabeça dele era uma tal papa pegajosa de sangue que eu mal lhe conseguia ver a orelha.

- O quê? disse eu, com a mente ainda na minha mãe; onde é que ela estava? Desculpe?
 - Leva-o.
- Olhe, eu volto. Tenho de... Não conseguia dizer as palavras, não exatamente, mas a minha mãe queria que eu fosse para casa, imediatamente, eu devia encontrar-me com ela lá, essa era a coisa que ela tinha deixado muito clara.
- Leva-o contigo! A forçar-me a ficar com ele. Vai! Estava a tentar sentar-se. Tinha os olhos brilhantes e descontrolados; a sua agitação assustava-me. Eles levaram as lâmpadas todas, destruíram metade das casas na rua...

Uma gota de sangue escorria-lhe pelo queixo.

— Por favor — disse eu, a agitar as mãos, com medo de lhe tocar.— Por favor, deite-se...

Ele abanou a cabeça e tentou dizer alguma coisa, mas o esforço alquebrou-o, tossindo com um som húmido, horrível. Quando limpou a boca, vi-lhe uma lista viva de sangue nas costas da mão.

— Vem aí alguém. — Sem a certeza de acreditar nisso, sem saber que outra coisa dizer.

Ele olhou a direito para o meu rosto, à procura de algum clarão de entendimento, e quando não o encontrou esforçou-se outra vez por se sentar.

— Incêndio — disse, numa voz de gargarejo. — A *villa* em Ma'adi. On a tout perdu.

Interrompeu-se para tossir outra vez. Uma espuma tingida de vermelho borbulhava-lhe nas narinas. No meio de toda aquela irrealidade, marcos e monólitos partidos, eu tinha uma sensação como de sonho de lhe ter falhado, como se tivesse fracassado nalguma tarefa vital de conto de fadas por atabalhoamento e ignorância. Embora não houvesse nenhum incêndio visível naquele amontoado de pedras, eu rastejei e meti o quadro no saco de compras de náilon só para o arredar da vista, por estar a perturbá-lo tanto.

— Não se preocupe — disse eu. — Eu vou...

Ele tinha-se acalmado. Pôs a mão no meu pulso, com um olhar firme e vivo, e um vento gélido de irracionalidade soprou sobre mim. Eu tinha feito o que devia. Tudo ia ficar bem.

Enquanto me deleitava com o conforto desta ideia, ele apertou-me a mão a sossegar-me, como se eu tivesse dito em voz alta o meu pensamento. Nós vamos sair daqui, disse ele.

- Eu sei.
- Embrulha-o em jornais e mete-o mesmo no fundo da mala, meu querido. Com as outras curiosidades.

Aliviado por ele se ter acalmado, exausto com a minha dor de cabeça, toda a recordação da minha mãe desvanecida como um adejar de asas de uma traça, instalei-me ao lado dele e fechei os olhos, sentindo-me estranhamente confortável e seguro. Ausente, sonhador. Ele estava a divagar um bocado, entredentes: nomes estrangeiros, contas e números, algumas palavras em francês, mas a maior parte em inglês. Vinha um homem para ver a mobília. Abdou estava metido em trabalhos por ter atirado pedras. No entanto, tudo fazia sentido de certa maneira e eu via o jardim com palmeiras e o piano e o lagarto verde no tronco da árvore como se fossem páginas num álbum de fotografias.

— Vais conseguir ir para casa sozinho, meu querido? — lembro-me de ele perguntar a certa altura.

- É claro. Eu estava deitado no chão ao lado dele, com a cabeça ao nível do seu velho e raquítico esterno, de modo que lhe ouvia cada respiração entrecortada e ofegante. — Apanho o metro sozinho todos os dias.
- E onde é que disseste que estavas a viver agora? A sua mão na minha cabeça, muito suavemente, da maneira como se pousaria a mão na cabeça de um cão de quem se gostasse.
 - Na Rua Cinquenta e Sete Leste.
 - Oh, sim! Perto do Le Veau d'Or?
- Bem, a alguns quarteirões. O Le Veau d'Or era um restaurante onde a minha mãe gostava de ir no tempo em que ainda tínhamos dinheiro. Eu tinha comido o meu primeiro caracol lá e tinha provado o primeiro gole de *Marc de Bourgogne* do copo dela.
 - Na direção do parque, dizes?
 - Não, mais perto do rio.
- Perto o suficiente, meu querido. Merengues e caviar. Como eu adorei esta cidade da primeira vez que a vi! Mesmo assim, não é o mesmo, pois não? Sinto umas terríveis saudades de tudo, tu não? Da varanda e do...
- Jardim. Virei-me para olhar para ele. Perfumes e melodias. No pantanal da minha confusão, começara a parecer-me que ele era um amigo íntimo ou um membro da família de quem eu me tinha esquecido, algum parente há muito perdido da minha mãe...
- Oh, a tua mãe! Aquela querida! Nunca me esquecerei da primeira vez que ela veio tocar. Era a menina mais bonita que eu já tinha visto.

Como é que ele tinha adivinhado que eu estava a pensar nela? Comecei a perguntar-lhe, mas ele estava a dormir. Tinha os olhos fechados, mas a sua respiração era rápida e rouca, como se estivesse a fugir de alguma coisa.

Eu próprio estava a desfalecer — tinidos nos ouvidos, um zunido sem sentido e um sabor metálico na boca como no dentista — e poderia ter deslizado para um estado de inconsciência e ficado lá se a certo ponto ele não me tivesse sacudido, com força, de tal modo que acordei com um sobressalto de pânico. Ele estava a murmurar e a puxar o seu indicador. Tinha tirado o anel, um anel de ouro grosso com uma pedra encastoada; estava a tentar dar-mo.

— Não, eu não quero isso — disse eu, afastando-me. — Para que é que está a fazer isso?

Mas ele insistiu em pô-lo na palma da minha mão. A sua respiração borbulhava e era horrível. — Hobart and Blackwell — disse ele, numa voz como se estivesse a afogar-se de dentro para fora. — Toca à campainha verde.

— Campainha verde — repeti, hesitante.

A cabeça caía-lhe para trás e para a frente, como a um bêbado, e os lábios tremiam-lhe. Tinha os olhos desfocados. Quando deslizaram por mim sem me ver, causaram-me um arrepio.

- Diz ao Hobie para sair da loja disse ele numa voz empastada.
 Incrédulo, fiquei a ver o sangue a pingar-lhe do canto da boca.
 Ele tinha alargado o nó da gravata puxando-o. Espere disse eu, inclinando-me para o ajudar, mas ele sacudiu-me as mãos.
- Ele tem de fechar a caixa e ir embora! disse ele num tom de voz áspero. O pai dele vai mandar uns tipos para lhe darem uma sova...

Revirou os olhos; as pálpebras estremeceram-lhe. Depois, afundouse em si mesmo, espalmado e parecendo esvaziado como se todo o ar tivesse saído dele, trinta segundos, quarenta, como um monte de roupas velhas, mas a seguir — com tanta força que eu me encolhi — o seu peito inchou com um arquejo como de um fole, e ele tossiu, expelindo um acesso percussivo de sangue que me salpicou todo. O melhor que podia, soergueu-se apoiando-se nos cotovelos — e durante cerca de trinta segundos arfou como um cão, com o peito a subir e a descer freneticamente, para cima e para baixo, para cima e para baixo, com os olhos fixos nalguma coisa que eu não conseguia ver, e em todo esse tempo apertava-me a mão como se, agarrando-a com força suficiente, talvez ficasse bem.

— Está bem? — disse eu, frenético, à beira das lágrimas. — Consegue ouvir-me?

Enquanto ele se debatia e estrebuchava — um peixe fora de água —, eu segurei-lhe a cabeça, ou tentei, não sabendo como, com receio de o magoar, enquanto ele continuava a agarrar a minha mão como se estivesse pendurado de um prédio e prestes a cair. Cada respiração era um arquejo isolado e gargarejado, uma pedra pesada levantada com um terrível esforço e lançada uma e outra vez para o chão.

A certa altura ele olhou diretamente para mim, com o sangue a juntar-se-lhe na boca, e pareceu dizer alguma coisa, mas as palavras eram só um gargarejo a escorrer-lhe pelo queixo.

Depois — para meu intenso alívio — ficou mais calmo, mais calado, a força com que agarrava a minha mão a afrouxar, a dissolver-se, uma sensação de afundamento e de redemoinho, quase como se ele estivesse a flutuar deitado de costas e a afastar-se de mim, na água. — Está melhor? — perguntei, e depois...

Cuidadosamente, deitei-lhe umas gotas de água na boca — os seus lábios moveram-se, eu vi-os moverem-se; e depois de joelhos, como um aio numa história, limpei-lhe algum do sangue do rosto com o lenço com cornucópias que ele trazia no bolso do peito. Enquanto ele deslizava — cruelmente, de forma gradual — para a imobilidade, eu inclinei-me para trás nos calcanhares e olhei com atenção para o seu rosto arruinado.

- Olá? - disse.

Uma pálpebra seca como papel, meio fechada, estremeceu, um tique de veias azuis.

— Se consegue ouvir-me, aperte-me a mão.

Mas a mão dele na minha estava mole. Fiquei ali sentado a olhar para ele, sem saber o que fazer. Era o momento de ir embora, bem para lá do momento de ir embora — a minha mãe tinha-o deixado bem claro —, mas, mesmo assim, eu não conseguia ver um caminho para fora do espaço onde me encontrava e, de facto, de certa forma era difícil imaginar-me em qualquer outro lugar do mundo — imaginar que havia outro mundo, fora daquele. Era como se eu nunca tivesse tido outra vida.

— Consegue ouvir-me? — perguntei-lhe, uma última vez, inclinando-me para ele e encostando a orelha à sua boca ensanguentada. Mas não houve nada.

vi.

Não querendo incomodá-lo, para o caso de ele estar só a descansar, tentei ser tão silencioso quanto possível quando me levantei. Doía-me o corpo todo. Por uns momentos, fiquei ali especado a olhar para ele, a

limpar as mãos ao casaco do uniforme da escola — o seu sangue estava por mim todo, as mãos escorregadias com ele —, e a seguir olhei para a paisagem lunar de entulho a tentar orientar-me e calcular a melhor maneira de ir embora.

Depois de — com dificuldade — avançar para o centro do espaço, ou o que parecia ser o centro do espaço, vi que uma porta parecia ocultada por farrapos de entulho pendente, e virei-me e comecei a avançar na outra direção. Ali, o lintel tinha caído, arrastando um monte de tijolos quase tão alto como eu e deixando um espaço cheio de fumo no topo suficientemente grande para um carro passar por ele. Laboriosamente, comecei a trepar e a abrir caminho — por cima e à volta dos pedaços de cimento armado —, mas ainda não tinha avançado muito quando me dei conta de que teria de ir pelo outro lado. Vestígios ténues de fogo lambiam as paredes mais distantes do que tinha sido a loja da exposição, cuspindo faúlhas e cintilando na penumbra, alguns deles bem abaixo do nível onde o chão deveria estar.

Não gostei do aspeto da outra porta (quadrados de espuma manchados de vermelho; a biqueira do sapato de um homem a despontar de um monte de cascalho), mas pelo menos a maior parte do material que bloqueava a porta não era muito sólido. Voltando para trás às cegas, evitando alguns fios de eletricidade que faiscavam do teto, lancei o saco por cima do ombro, inspirei fundo e mergulhei de cabeça nas ruínas.

Imediatamente, senti-me sufocado com o pó e um cheiro químico pungente. A tossir, a rezar por que não houvesse mais fios de eletricidade soltos, avancei aos apalpões no escuro enquanto todo o tipo de escombros soltos começava a matraquear e a chover-me nos olhos: cascalho, estuque esboroado, farrapos e pedaços de sabe Deus o quê.

Alguns dos materiais de construção eram leves e outros não. Quanto mais eu avançava, tanto mais escuro ficava e tanto mais quente. De vez em quando, o caminho reduzia-se ou fechava-se inesperadamente e nos meus ouvidos soava um rugido de multidão, não sabia bem de onde vinha. Tinha de me esgueirar à volta de coisas; por vezes andava, outras vezes rastejava, corpos nas ruínas mais pressentidos do que vistos, uma pressão suave perturbante que cedia sob o meu peso, mas, pior do que isto, o cheiro: tecido queimado, cabelo e carne queimados e o odor forte a sangue fresco, a cobre e lata e sal.

Tinha as mãos cortadas, assim como os joelhos. Enfiava-me por baixo de coisas e contornava coisas, avançando aos apalpões, roçando com a anca no lado de alguma espécie de torno comprido, ou viga, até me ver bloqueado por uma massa sólida que dava a sensação de ser uma parede. Com dificuldade — o sítio era estreito — virei-me para poder tirar a lanterna do saco.

Queria a lanterna do porta-chaves — no fundo, debaixo do quadro —, mas os meus dedos agarraram o telemóvel. Liguei-o — e quase imediatamente deixei-o cair, porque à luz tinha vislumbrado a mão de um homem espetada entre dois pedaços de cimento armado. Mesmo no meu terror, recordo-me de me sentir grato por ser só uma mão, embora os dedos tivessem um aspeto carnudo, escuro, inchado que eu nunca consegui esquecer; de vez em quando, ainda me sobressalto com medo quando algum mendigo na rua me estende a mão inchada e suja com as unhas debruadas a negro.

Tinha ainda a lanterna — mas queria o telemóvel. Ele lançava uma luz fraca na cavidade em que eu me encontrava, mas quando recuperei o suficiente para me baixar e pegar nele, o ecrã ficou escuro. Um vapor de um verde-ácido flutuava perante mim na escuridão. Pus-me de joelhos e rastejei no escuro, esgaravatando com ambas as mãos em pedras e vidro, decidido a encontrar o telemóvel.

Julgava saber onde ele estava, ou mais ou menos onde estava, e continuei a procurá-lo, provavelmente por mais tempo do que devia; e foi quando tinha já perdido a esperança de o encontrar e tentei pôr-me de pé outra vez que me dei conta de que me tinha enfiado num lugar baixo onde era impossível ficar de pé, com uma superfície sólida a cerca de oito centímetros acima da minha cabeça. Virar-me não resultou; ir para trás não resultou; por isso, decidi rastejar para a frente, na esperança de que se abrisse um espaço, e não tardei a dar comigo a avançar dolorosamente aos poucos, com uma sensação esmagadora e desesperada e a cabeça virada num ângulo acentuado para um lado.

Quando eu tinha cerca de quatro anos, fiquei parcialmente preso dentro de uma cama desdobrável no nosso antigo apartamento na Sétima Avenida, o que soa como uma situação cómica, mas realmente não foi; acho que teria sufocado se a Alameda, a nossa empregada na altura, não tivesse ouvido os meus gritos abafados e não me tivesse

puxado para fora. Tentar manobrar naquele espaço sem ar era mais ou menos o mesmo, só que pior: com vidro, metais incandescentes, o fedor de roupas queimadas e ocasionalmente algo mole a fazer pressão contra mim, em que eu não queria pensar. Caía uma chuva pesada de escombros sobre mim; tinha a garganta a encher-se com poeira e estava a tossir fortemente e a começar a entrar em pânico quando me apercebi de que conseguia vislumbrar a textura grosseira dos tijolos partidos que me rodeavam. Uma luz — o clarão mais ténue imaginável — insinuava-se subtilmente da esquerda, a cerca de quinze centímetros acima do chão.

Baixei-me ainda mais e dei comigo a olhar para o pavimento de marmorite da galeria em baixo. Um monte desordenado do que parecia equipamento de salvamento (cordas, machados, pés de cabra, um tanque de oxigénio com as letras FDNY) encontrava-se abandonado no chão.

— Está aí alguém? — chamei e, sem esperar por uma resposta, enfiei-me no buraco e contorci-me tão depressa quanto consegui.

O espaço era estreito; se eu tivesse mais alguns anos ou mais alguns quilos em cima talvez não tivesse conseguido passar. A meio, o meu saco prendeu-se nalguma coisa e por um momento julguei que teria de o largar e de deixar o quadro, como um lagarto a largar a cauda, mas quando lhe dei um último puxão ele finalmente soltou-se com um chuveiro de estuque esboroado. Acima de mim estava uma espécie de trave, que dava a ideia de estar a sustentar uma grande quantidade de material de construção pesado, e enquanto eu me contorcia e estrebuchava debaixo dela senti-me estonteado com o receio de que a trave escorregasse e me cortasse em dois, até ver que alguém a tinha estabilizado com um macaco.

Depois de passar, pus-me em pé, em lágrimas e atordoado de alívio. — Está aí alguém? — voltei a chamar, perguntando-me porque é que haveria tanto equipamento por ali e nem um bombeiro à vista. A galeria estava na penumbra, mas quase sem estragos, com camadas diáfanas de fumo que ficavam mais espessas quanto mais alto subiam, mas via-se que uma qualquer força tremenda tinha varrido a sala só de olhar para as luzes e para as câmaras de vigilância, que estavam tortas, de frente para o teto. Eu sentia-me tão aliviado por estar outra vez num

espaço aberto que demorei um momento a compreender a estranheza de ser a única pessoa de pé numa sala cheia de gente. Todas as outras pessoas estavam deitadas menos eu.

Havia pelo menos uma dúzia de pessoas no chão — nem todas intactas. Tinham a aparência de terem sido lançadas de uma grande altura. Três ou quatro dos corpos estavam parcialmente cobertos com casacos de bombeiros, com os pés a despontarem. Outros amontoavam-se à vista, por entre manchas explosivas. Os respingos e as erupções denotavam violência, como grandes espirros de sangue, uma sensação histérica de movimento na quietude. Lembro-me particularmente de uma senhora de meia-idade com uma blusa salpicada de sangue que tinha um padrão de ovos Fabergé, como uma blusa que ela tivesse comprado na loja do museu, na verdade. Os seus olhos — delineados com um traço preto — fitavam o teto com uma expressão vazia; e o seu bronzeado era obviamente artificial, já que tinha a pele de uma tonalidade saudável de alperce, embora lhe faltasse o topo da cabeça.

Pinturas a óleo escuras, molduras de um dourado baço. Com pequenos passos, avancei para o meio da sala, a cambalear, ligeiramente desequilibrado. Ouvia a minha própria respiração entrecortada, a inspirar e a expirar, e havia uma estranha superficialidade no som, uma leveza de pesadelo. Não queria olhar, mas tinha de olhar. Um pequeno homem asiático, patético no seu blusão castanho, encolhido numa poça de sangue a alastrar. Um guarda (o seu uniforme era a coisa mais reconhecível nele, tinha o rosto terrivelmente queimado) com um braço torcido atrás das costas e uma pulverização horrenda onde deveriam estar as pernas.

Mas a coisa principal, a coisa mais importante: nenhuma das pessoas deitadas era ela. Obriguei-me a olhar para todas elas, para cada uma separadamente, uma a uma — mesmo quando não conseguia forçar-me a olhar-lhes para os rostos, conhecia os pés da minha mãe, as suas roupas, os seus sapatos de dois tons, pretos e brancos —, e, muito depois de ter a certeza, obriguei-me a ficar ali de pé no meio delas, encolhido bem dentro de mim como um pombo doente com os olhos fechados.

Na galeria a seguir: mais mortos. Três mortos. Um homem gordo de colete de fazenda; uma senhora de idade gangrenada; uma menina pequena, uma avezinha branca, com uma esfoladura vermelha na têmpora, mas, a não ser isso, quase sem marca. Mas a seguir não havia

mais ninguém. Percorri várias galerias atulhadas com equipamento, mas, apesar das manchas de sangue no chão, não havia nenhuns mortos. E quando entrei na galeria que parecia mais afastada, onde ela estaria, para onde ela se tinha dirigido, a galeria onde se encontrava exposta A Lição de Anatomia — de olhos firmemente fechados, a formular um desejo com força —, só havia as mesmas macas e o mesmo equipamento, e ali, enquanto eu atravessava a sala, no silêncio estranhamente gritante, os únicos dois observadores eram os mesmos dois holandeses perplexos que nos tinham fitado da parede, a mim e à minha mãe: o que é que *vocês* estão a fazer aqui?

A seguir, algo cedeu em mim. Nem sequer me lembro de como aconteceu; eu só estava num lugar diferente e a correr, a correr por salas que estavam vazias excetuando uma névoa de fumo que fazia com que a sua grandiosidade parecesse insubstancial e irreal. Antes, as galerias tinham parecido bastante óbvias, uma sequência sinuosa mas lógica em que todos os afluentes corriam para a loja da exposição. Mas ao voltar a percorrê-las à pressa e na direção oposta apercebi-me de que o caminho não era nada óbvio; e uma e outra vez virei para paredes sem aberturas e encaminhei-me para salas sem saída. As portas e as entradas não estavam onde eu esperava que estivessem; bases de colunas surgiam do nada. Ao dobrar uma esquina à pressa quase esbarrei num bando de guardas de Frans Hals: tipos grandes, grosseiros, de faces vermelhuscas, toldados com demasiada cerveja, como polícias de Nova Iorque num baile de fantasia. Friamente, fitaram-me, com olhos duros, trocistas, enquanto eu recuperava, recuei e desatei a correr outra vez.

Mesmo em dias normais, por vezes eu perdia-me no museu (vagueando sem rumo em galerias de arte da Oceânia, totens e canoas escavadas) e por vezes tinha de me aproximar de um guarda e de lhe pedir que me indicasse a saída. As galerias de pintura eram especialmente confusas, já que as reorganizavam com muita frequência; e enquanto eu corria pelos salões vazios, numa meia-luz fantasmagórica, sentia-me cada vez mais assustado. Julgava que sabia o caminho para a escadaria principal, mas pouco depois de sair das galerias da exposição especial tudo começou a parecer-me desconhecido; e após um ou dois minutos a correr estonteado, tomando direções de que já não tinha bem a certeza, dei-me conta de que estava completamente perdido.

De alguma forma, tinha atravessado as obras-primas italianas (Cristos crucificados e santos atónitos, serpentes e anjos em batalha), acabando na Inglaterra, século XVIII, uma parte do museu que raramente tinha visitado e que não conhecia de todo em todo. Longas linhas elegantes de vistas estendiam-se perante mim, salas como labirintos que davam a sensação de uma mansão assombrada: lordes com perucas, belezas discretas de Gainsborough, mirando sobranceiramente a minha aflição. As perspetivas nobres eram enfurecedoras, visto que não pareciam conduzir à escadaria ou a um dos muitos corredores, mas só a outras galerias de nobreza solene exatamente como elas; e eu estava à beira das lágrimas quando subitamente vi uma porta discreta no lado da parede da galeria.

Tinha de se olhar duas vezes para a ver, a esta porta; estava pintada da mesma cor das paredes da galeria e era o tipo de porta que, em circunstâncias normais, pareceria que seria mantida fechada à chave. Só tinha atraído a minha atenção porque não estava completamente fechada — o lado esquerdo não estava encostado à parede, eu não sabia se porque não se tinha fechado devidamente ou porque o fecho não funcionava sem energia elétrica. Mesmo assim, não foi fácil abri-la — era pesada, de aço, e eu tive de a puxar com todas as minhas forças. Subitamente — com um arquejo —, cedeu tão caprichosamente que quase me desequilibrei.

Enfiando-me pela porta, vi-me num corredor escuro de gabinetes, com um teto muito mais baixo. As luzes de emergência eram muito mais fracas do que na galeria principal e os meus olhos demoraram um momento a ajustar-se.

O corredor parecia estender-se a perder de vista. A medo, avancei lentamente, espreitando para os gabinetes cujas portas estavam entreabertas. *Cameron Geisler, Registrar. Miyako Fujita, Assistant Registrar.* Havia gavetas abertas e cadeiras arredadas de secretárias. À entrada de um gabinete, um sapato de tacão alto de mulher estava tombado de lado.

O ar de abandono era indizivelmente fantasmagórico. Dava-me a impressão de lá longe, à distância, ouvir sirenes de carros da polícia, talvez até *walkie-talkies* e cães, mas tinha um tal tinido nos ouvidos por causa da explosão que achei que talvez estivesse a imaginar que

ouvia essas coisas. Começava a preocupar-me cada vez mais não ter ainda visto nenhuns bombeiros, polícias, seguranças do museu — de facto, nem vivalma.

Não estava suficientemente escuro para usar a lanterna do porta-chaves na zona reservada ao pessoal, mas também não havia luz suficiente para eu conseguir ver bem. Encontrava-me numa espécie de zona de registos ou de armazenamento. As paredes dos gabinetes estavam forradas com armários de arquivo do chão ao teto, prateleiras de metal com grades de plástico de correio e caixas de cartão. O corredor estreito fazia-me sentir nervoso, emparedado, e os meus passos ecoavam tão loucamente que uma ou duas vezes parei e virei-me para ver se vinha alguém atrás de mim.

— Está aí alguém? — dizia a medo, espreitando para alguns dos gabinetes ao passar. Alguns eram modernos e despojados; outros estavam atravancados e tinham um ar sujo, com pilhas desordenadas de papéis e de livros.

Florens Klauner, Department of Musical Instruments. Maurice Orabi-Roussel, Islamic Art. Vittoria Gabetti, Textiles. Passei por uma sala escura e cavernosa com uma bancada de trabalho comprida onde estavam pousados pedaços desirmanados de tecido como peças de um puzzle. Na parte de trás da sala havia uma confusão de varões com rodas para pendurar vestuário, com muitos sacos de plástico para guardar roupas pendurados, como os varões junto aos elevadores de serviço nos armazéns Bendel's ou Bergdorf's.

No entroncamento de corredores, olhei para um lado e para o outro, sem saber para onde me virar. Cheirava-me a cera de soalho, a terebintina e a produtos químicos, um travo de fumo. Gabinetes e oficinas estendiam-se a perder de vista em todas as direções: uma rede geométrica contida, fixa e sem características particulares.

À minha esquerda, bruxuleava uma luz de um candeeiro no teto. Zumbia e paralisava-se, num acesso de estática, e naquele clarão trémulo vi um bebedouro ao fundo do corredor.

Corri para ele — tão depressa que escorreguei e quase me desequilibrei — e, com a boca colada à torneira, engoli tanta água fria, tão depressa, que me deslizou para as têmporas uma pontada de dor. Aos soluços, limpei o sangue das mãos e atirei água para os meus olhos

doridos. Minúsculos estilhaços de vidro — quase invisíveis — tombaram a tilintar no recipiente de aço do bebedouro como agulhas de gelo.

Encostei-me à parede. As lâmpadas fluorescentes por cima — a vibrarem, a cuspirem irregularmente a sua luz — faziam-me sentir estonteado.
A custo, voltei a recompor-me; continuei a caminhar, cambaleando um
pouco à luz instável. As coisas começavam a parecer decididamente mais
industriais nesta direção: paletes de madeira, uma empilhadora, uma
impressão de objetos em grades a serem transportados e armazenados.
Passei por outro cruzamento, onde um corredor com um ar escorregadio
e ensombrado recuava para a escuridão, e estava quase a passar à frente e a
continuar a avançar quando vi um clarão vermelho ao fundo que dizia EXIT.

Tropecei; caí para a frente; voltei a pôr-me de pé, ainda aos soluços, e corri pelo interminável corredor abaixo. Ao fundo do corredor havia uma porta com uma barra de metal, como as portas de segurança na minha escola.

Abriu-se com um latido. Corri por umas escadas escuras abaixo, doze degraus, virei no patamar, mais doze degraus até ao fundo, com as pontas dos dedos a roçarem no corrimão de metal, os sapatos a matraquearem e a ecoarem tão loucamente que parecia que uma dúzia de pessoas estava a correr comigo. Ao fundo dos degraus havia um corredor cinzento com outra porta com uma barra. Atirei-me contra ela, empurrei-a com ambas as mãos — e fui esbofeteado com força na cara pela chuva e pelo ulular ensurdecedor das sirenes.

Acho que talvez tenha gritado alto, sentia-me tão feliz por estar lá fora, embora ninguém me pudesse ouvir por entre todo aquele barulho: era como se estivesse a tentar berrar sobrepondo a voz a motores de aviões a jato na pista em LaGuardia durante uma trovoada. Dava a ideia de que todos os carros de bombeiros, todos os carros da polícia, todas as ambulâncias e outros veículos de emergência nas cinco comarcas, mais os de Jersey, estavam a uivar e a berrar na Quinta Avenida, um som delirantemente feliz: como fogo de artifício do Ano Novo e do Natal e do 4 de julho todos combinados.

A saída tinha-me cuspido para o Central Park, por uma porta lateral sem ninguém entre a zona de cargas e descargas e o parque de estacionamento. Viam-se caminhos pedonais vazios na distância cinzento-esverdeada; topos de árvores mergulhavam brancos, agitando-

-se e espumando ao vento. Para lá, na rua varrida pelo vento, a Quinta Avenida estava cortada ao trânsito. Por entre a chuva, de onde eu estava, só conseguia ver o grande e vivo bombardeamento de atividade: guindastes e equipamento pesado, polícias a afastarem as multidões, luzes vermelhas, luzes amarelas e azuis, chamas que pulsavam e voltejavam e cintilavam numa confusão de mercúrio.

Ergui o cotovelo para evitar que a chuva me batesse na cara e desatei a correr pelo parque vazio. A chuva espetava-se-me nos olhos e escorria-me pela testa, fazendo dissolver as luzes na avenida e transformando-as num borrão que pulsava à distância.

NYPD, FDNY, carrinhas da cidade estacionadas com os limpa-para-brisas ligados: K-9, Rescue Operations Battalion, NYC Hazmat. Gabardinas de oleado preto adejavam e enfunavam-se com o vento. Uma fita amarela de cena de crime estava colocada numa das saídas do parque, na Miners' Gate. Sem hesitação, ergui-a e passei por baixo e corri para o meio da multidão.

Naquela confusão toda, ninguém reparou em mim. Por um momento, corri à toa para a frente e para trás na rua, com a chuva a metralhar-me o rosto. Para onde quer que olhasse, perpassavam imagens do meu próprio pânico. Havia pessoas a correrem e a aparecerem à minha volta cegamente; polícias, bombeiros, tipos com capacetes, um homem de idade a amparar o cotovelo partido e uma senhora com o nariz ensanguentado a serem enxotados na direção da Rua Setenta e Nove por um polícia perturbado.

Eu nunca tinha visto tantos carros de bombeiros num só lugar: Squad 18, Fighting 44, New York Ladder 7, Rescue One, 4 Truck: Pride of Midtown. Furando pelo mar de veículos estacionados e de gabardinas de oleado preto oficiais, avistei uma ambulância Hatzolah: letras hebraicas nas traseiras, um pequeno espaço de hospital iluminado visível através das portas abertas. Estavam uns paramédicos debruçados sobre uma mulher, tentando mantê-la deitada enquanto ela se debatia para se sentar. Uma mão enrugada com unhas pintadas de vermelho tentava agarrar o ar.

Bati com o punho na porta. — Têm de voltar lá dentro — berrei. — Ainda há pessoas lá...

[—] Há outra bomba — berrou um paramédico sem olhar para mim. — Tivemos de evacuar o local.

Antes de eu ter tempo de compreender aquilo, um polícia gigantesco abateu-se sobre mim como um trovão: um tipo de cabeça grossa, com ar de buldogue e braços musculados como um halterofilista. Agarrou-me à bruta pelo antebraço e começou a sacudir-me e a empurrar-me para o outro lado da rua.

- Mas que raio é que estás a fazer aqui? berrou, abafando os meus protestos, enquanto eu tentava libertar-me.
- Senhor guarda... Uma mulher com o rosto ensanguentado a aproximar-se, a tentar atrair a atenção dele. Senhor guarda, acho que tenho a mão partida...
- Afaste-se do edifício! gritou-lhe ele, arredando-lhe o braço, e depois, para mim: Vai!

— Mas...

Com ambas as mãos, empurrou-me com tanta força que eu cambaleei e quase caí. — AFASTA-TE DO EDIFÍCIO! — berrou, erguendo os braços com um adejar do oleado para a chuva. — AGORA! — Nem sequer estava a olhar para mim; os seus olhos pequenos de urso estavam presos a algo que se estava a passar para lá da minha cabeça, mais acima na rua, e a expressão do seu rosto aterrorizou-me.

À pressa, esgueirei-me por entre a multidão de pessoal dos serviços de emergência para o passeio do outro lado, logo acima da Rua Setenta e Nove — sem deixar de relancear a vista à procura da minha mãe, embora não a visse. Ambulâncias e veículos médicos em grande número: Beth Israel Emergency, Lenox Hill, NY Presbyterian, Cabrini EMS Paramedic. Um homem ensanguentado com um fato de homem de negócios estava deitado de costas por trás de uma sebe de teixo ornamental, no jardim minúsculo de uma mansão da Quinta Avenida. Havia uma fita de segurança amarela pendurada, a estalar e a sacudir-se ao vento — mas os polícias e os bombeiros e os tipos com capacetes, encharcados até aos ossos, levantavam-na e passavam por baixo dela, para a frente e para trás, como se ela nem sequer lá estivesse.

Todos os olhares estavam voltados para a parte alta da cidade e só mais tarde eu ficaria a saber a razão; na Rua Oitenta e Quatro (demasiado longe para eu poder ver), os polícias da brigada especial estavam envolvidos no processo de «desativação» de uma bomba por detonar

disparando-lhe um canhão de água. Decidido a falar com alguém, a tentar descobrir o que tinha acontecido, tentei avançar na direção de um carro dos bombeiros, mas andavam polícias por entre a multidão a agitar os braços, a bater palmas, a empurrar as pessoas para trás.

Agarrei na aba do casaco de um bombeiro — um tipo novo, a mascar pastilha elástica, com um ar simpático. — Ainda estão pessoas lá dentro! — gritei.

— Pois, pois, nós sabemos — berrou o bombeiro sem olhar para mim. — Mandaram-nos sair. Dizem-nos que daqui a cinco minutos voltam a deixar-nos entrar.

Um empurrão rápido nas costas. — Afastem-se, afastem-se! — ouvi alguém berrar.

Uma voz rude, com um sotaque cerrado. — Tire as mãos de cima de mim!

— AGORA! Toda a gente ponha-se a andar!

Outra pessoa a dar-me um empurrão nas costas. Bombeiros a desencostarem-se das escadas dos carros, a olharem para cima na direção do Templo de Dendur; os polícias perfilavam-se, tensos, lado a lado, impassíveis à chuva. Passando aos tropeções por eles, levado pela corrente, vi olhares vítreos, cabeças a acenarem, pés inconscientemente a marcarem a contagem decrescente.

Quando ouvi o estalido da bomba desativada e os vivas roucos, de estádio de futebol, a erguerem-se da Quinta Avenida, já tinha sido arrastado para bastante longe pela multidão na direção da Madison. Uns polícias — polícias de trânsito — estavam a agitar os braços, a empurrar para trás a corrente de pessoas atordoadas. — Vá lá, pessoal, afastem-se, afastem-se. — Avançavam por entre a multidão a bater palmas. — Toda a gente para leste. Toda a gente para leste. — Um polícia, um tipo grande com uma barbicha e um brinco, como um pugilista profissional, estendeu o braço e empurrou um tipo dos que andam a fazer entregas, com um casaco com capuz, que estava a tentar tirar uma fotografia com o telemóvel, de tal maneira que ele tropeçou, esbarrou em mim e quase me deitou por terra.

— Veja lá o que faz! — berrou o homem das entregas, numa voz aguda e feia; e o polícia empurrou-o de novo, desta vez com tanta força que ele caiu de costas na sarjeta.

- És surdo ou quê, pá? berrou o polícia. Põe-te a andar!
- Não me toque!
- E se eu te rachar mas é a cabeça?

Entre a Quinta Avenida e a Madison era um autêntico manicómio. O ruído das hélices de helicópteros por cima das nossas cabeças; palavras indistintas num altifalante. Embora a Rua Setenta e Nove estivesse fechada ao trânsito, estava cheia de carros da polícia, carros dos bombeiros, barricadas de cimento e chusmas de pessoas aos berros, em pânico, encharcadas. Algumas delas corriam a afastar-se da Quinta Avenida; algumas estavam a tentar furar caminho na direção do museu; muitas pessoas tinham telemóveis no ar, a tentarem tirar fotografias; outras estavam imóveis, com a boca aberta, enquanto a multidão ondulava à sua volta, a olhar fixamente para o alto, para o fumo negro no céu chuvoso por cima da Quinta Avenida, como se estivessem a ver chegar marcianos.

Sirenes; fumo branco a evolar-se dos respiradouros do metro. Um sem-abrigo embrulhado num cobertor sujo vagueava de um lado para o outro, parecendo ansioso e confuso. Olhei à minha volta esperançado à procura da minha mãe na multidão, contando vê-la; durante um curto período de tempo, tentei nadar contra a corrente impulsionada pelos polícias (em bicos de pés, esticando o pescoço para ver), até me aperceber de que não valia a pena tentar avançar à força e procurá-la naquela chuva torrencial, naquela multidão. Eu vejo-a em casa, pensei. Era em casa que estava combinado encontrarmo-nos; a casa era o ponto de encontro numa emergência; ela devia ter compreendido que não valia a pena tentar encontrar-me naquela confusão toda. Mesmo assim, senti um baque mesquinho e irracional de deceção — e, enquanto ia a pé para casa (com uma dor de cabeça de rachar, praticamente com visão dupla), continuei a procurá-la, perscrutando os rostos anónimos e preocupados à minha volta. Ela tinha saído; isso é que era importante. Estava a várias salas de distância da pior parte da explosão. Nenhum dos corpos era o dela. Mas apesar do que tínhamos combinado antecipadamente, apesar de fazer todo o sentido, de alguma forma custava-me acreditar que ela tivesse ido embora do museu sem mim.